

Obadyah Alliance

BAR MIṢWÁ
PARA
A INFÂNCIA, A JUVENTUDE
E A VIDA ADULTA

Hakham Henry Pereira Mendes

Obadyah Alliance

BAR MIṢWÁ
PARA
A INFÂNCIA, A JUVENTUDE
E A VIDA ADULTA

Hakham Henry Pereira Mendes, D.D.

Rabino da sinagoga hispano-portuguesa Shearith Israel, Nova Iorque

Prefácio do Hakham Yehonatan Elazar-DeMota

Tradução de Holean Costa

TÍTULO ORIGINAL

Bar-Mitzvah for Boyhood, Youth and Manhood

© The Union of Orthodox Jewish Congregations of America, Nova Iorque, 1938

AUTOR

Henry Pereira Mendes

TRADUÇÃO, DIGITAÇÃO E CORREÇÃO GRAMATICAL

Holean Costa

REVISÃO TÉCNICA

Yehonatan Elazar-DeMota (Hakham)

EDIÇÃO

Holean Costa

Yehonatan Elazar-DeMota

CAPA

Holean Costa



www.obadyah.com

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa dos editores.

2017

Na noite de seu Bar Mişwá, Henry Pereira Mendes dedicou sua vida a Deus e fez votos para que fosse Seu ministro. Setenta anos depois, após dedicar quase sessenta anos de rabinato à Congregação Shearith Israel, em Nova Iorque, ele escreveu este livro para interpretar o conceito de Bar Mişwá para a juventude judaica. Que este livro, publicado primeiramente pela *Union of Orthodox Jewish Congregations of America*, em tributo à memória de seu primeiro presidente, o ḥakham Dr. Mendes, inspire o Israel jovem a uma vida judaica leal e nobre.

ESTE LIVRO
DEVE SER LIDO PELO MENINO
QUANDO BAR MIŞWÁ,
TAMBÉM PELO JOVEM,
E, NOVAMENTE, PELO ADULTO,
PORQUE,
EM CADA UM DESSES MOMENTOS,
ELE ENTENDERÁ MELHOR
O PROFUNDO E REAL SIGNIFICADO
DO TÍTULO
BAR MIŞWÁ.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

A Obadyah Alliance, em seu compromisso com a tradição judaica (principalmente a hispano-portuguesa), tem publicado diversas obras de nossos ḥakhamim que nunca tinham sido traduzidas ao português. Através disso, preserva a riqueza dessa tradição, entregando a herança aos devidos descendentes.

A presente obra, escrita pelo ḥakham Henry Pereira Mendes, é importantíssima, pois é destinada ao Bar Mišwá. Ao se garantir uma boa educação, assegura-se também a continuidade da tradição e o futuro do judaísmo. Nessa, além disso, há ainda a introdução e comparação de eventos judaicos com outros acontecimentos históricos, enriquecendo também a cultura geral do leitor.

A Obadyah Alliance aprovou esta obra para atender uma necessidade urgente. Em nossa época, há muitos judeus de origem hispano-portuguesa que não têm o conhecimento básico da filosofia judaica. É nosso desejo que, através deste livro, a Nação seja fortalecida na Torá e em seus preceitos e que a corrente da tradição não seja quebrada.

Yehonatan Elazar-DeMota
Presidente da Obadyah Alliance

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

Esta obra expõe os fundamentos da fé judaica para o Bar Mišwá, podendo e devendo ser lida desde o período de seu preparo para a responsabilidade religiosa até à sua fase adulta.

O autor divide a obra muito bem e utiliza uma linguagem simples, que foi mantida na tradução, objetivando ser de fácil leitura também para os mais jovens. Além disso, os parágrafos curtos ajudam a dar maior fluidez à leitura.

Nesta tradução, o termo Palestina foi trocado por Judeia, termo mais antigo. Em lugar da palavra raça, usou-se nação. Também se trocou o vocábulo América por Estados Unidos e, por conseguinte, americanos por estadunidenses, pois esse país representa apenas uma parcela dentro da imensa geografia do continente americano.

As notas ao fim de cada capítulo foram mantidas, conforme o original. Mas, algumas notas de rodapé foram acrescentadas. Estas objetivam introduzir ou melhor explicar conceitos a partir do hebraico e do aramaico e também eventos históricos, como, por exemplo, a Guerra de Secessão, a Guerra Civil Inglesa e a Batalha de Waterloo.

O termo *ḥag* [חג] e sua tradução habitual – Festa – foram reservados apenas para as três festas de peregrinação ou *Shalosh Regalim* [שלוש רגלים]: *Pessaḥ*, *Shabu`oth* e *Sukkoth*. Assim, a semântica semita foi preservada e outros eventos comemorados por ordenação dos *ḥakhamim* (rabinos), como *Ḥanukká* e *Purim*, foram chamados de “celebrações”.

Este livro deve fazer parte da biblioteca de todos os judeus, que devem lê-lo em todas as fases indicadas em seu título.

Holean Costa

PREFÁCIO ORIGINAL

A Bíblia reconhece que o vigésimo ano de vida é um ano de responsabilidade civil ou uma transição para a vida civil adulta. Hoje, a idade de responsabilidade civil é dezoito, de acordo com a legislação nacional. No entanto, a responsabilidade religiosa inicia-se antes da civil.

O Talmude ensina que o filho de treze anos de idade deve ser feito Bar Mişwá (Pirqê 'Aboth V, 24). Ou seja, deve ser feito um filho do mandamento divino. Isso significa ser iniciado nos deveres religiosos.

O pensamento judaico, então, aponta os treze anos como a idade de responsabilidade religiosa. É com essa idade que os garotos começam a ter consciência de deixar para trás a infância e de entrar para a juventude, porque novos pensamentos e emoções surgem gradualmente.

Assim, o pensamento judaico prescreve um curso de treinamento religioso, que será coroado com uma impressionante cerimônia de aniversário de treze anos, ou no Shabbath após isso, para gravar no garoto a sacralidade da ocasião e, sobretudo, a sagrada importância da parte que ele, individualmente, passará a tomar da obra de Deus na terra. Certamente, Deus não o criou e lhe deu uma alma para viver apenas com o objetivo de ganhar dinheiro. Deus o criou e lhe deu uma alma, para fazer sua parte na obra dEle na terra.

O que é “sua parte na obra de Deus na terra” será discutido no capítulo de abertura.

Uma celebração de Bar Mişwá não deve ser desconstruída, para se tornar apenas um dia para observância superficial, para diversão ou para presentes.

O garoto Bar Mişwá ao ser chamado para a leitura do Sêfer Torá, sem completa e prévia preparação em nossa sagrada religião e em suas obrigações, reduz toda a cerimônia a uma observância superficial, sendo um insulto à inteligência humana.

Marcar a ocasião com um banquete ou uma reunião familiar, sem enfatizar o lado religioso, transforma o que deveria ser uma ocasião sagrada e edificante em mera diversão, sendo indigna para quaisquer pais que realmente acreditam em Deus.

Para o menino Bar Mişwá, receber presentes, especialmente de carácter meramente social ou ornamental, apelando à vaidade e à luxúria, sem o exemplo pessoal de adoração a Deus e à religião da parte dos que os dão, é indigno aos olhos de Deus e depreciativo para os que dão, se esses são capazes de inspirar uma mentalidade religiosa como deveriam ser.

Em relação aos itens no apêndice, estou em débito para com o ḥakham Dr. Joseph H. Hertz, rabino-chefe do Império Britânico. Que possa ajudar todo leitor deste livro, jovem e velho, a ter orgulho de ser judeu!

Fazer cada leitor ter orgulho de ser judeu é o objetivo deste livro.

ÍNDICE

I. O PROPOSITO OU RAZÃO DE SER BAR MIŞWÁ _____	p.10
II. O DESTINO DO JUDEU _____	p.13
III. O QUE SIGNIFICA SER BAR MIŞWÁ _____	p.17
IV. O SHEMÁ` _____	p.20
V. OS JUDEUS E OS AMERICANOS, OS INGLESES, OS FRANCESES, OS ALEMÃES, ETC _____	p.24
VI. AGRADECIMENTO PELAS REFEIÇÕES _____	p.27
VII. OS SÍMBOLOS DE NOSSA RELIGIÃO _____	p.29
VIII. O ŞIŞITH E O TALETH _____	p.31
IX. COMO A BÍBLIA HEBRAICA NOS ENSINA E ENSINA AO MUNDO A NOS CONSAGRARMOS E A CONSAGRARMOS AS NOSSAS VIDAS _____	p.33
X. O TEFILIN (FILACTÉRIOS) _____	p.36
XI. A MEZUZÁ, A INSCRIÇÃO NO UMBRAL DA PORTA _____	p.39
XII. OS DIAS SAGRADOS E AS FESTAS – A EXPLICAÇÃO DELES _____	p.42
XIII. O SHABBATH _____	p.45
XIV. A OBSERVÂNCIA DO SHABBATH _____	p.48
XV. ROSH HASHANÁ (ANO NOVO) _____	p.51
XVI. YOM KIPPUR, O DIA DO PERDÃO _____	p.52
XVII. AS TRÊS FESTAS: PESSAḤ (PÁSCOA) _____	p.54
XVIII. AS TRÊS FESTAS: SHABU`OTH (FESTA DAS SEMANAS) _____	p.56
XIX. AS TRÊS FESTAS: SUKKOTH (FESTA DOS TABERNÁCULOS) _____	p.57
XX. OUTRAS CELEBRAÇÕES: ḤANUKKÁ E PURIM _____	p.60
XXI. PURIM _____	p.63
XXII. 15 DE 'AB _____	p.64
XXIII. OS JEJUNS MENORES _____	p.66
XXIV. CONCLUSÃO _____	p.68
APÊNDICE _____	p.69

CAPÍTULO I

O PROPÓSITO OU RAZÃO DE SER BAR MIŞWÁ

Há, em todas as comunidades, homens e mulheres sérios, que adoram a Deus, que amam sua religião e que desejam viver em lealdade para com Deus e para com seu dever religioso. Mas, há também muitos que nunca aprenderam a adorar e a amar a Deus e a lealdade devida à religião ou ainda os que se esqueceram disso, com essa reverência, amor e lealdade em desuso.

Há também muitos que desempenham seus deveres e cerimônias como observâncias vazias e sem o pensamento apropriado; e há muitos nos quais a beleza dos pensamentos e propósitos éticos e espirituais associados a isso nunca estiveram presentes.

Assim, é sensato oferecer a você, o garoto Bar Mişwá¹, um livro dando as razões éticas e espirituais – as mais elevadas e nobres razões – para nossos deveres religiosos.

Então, damos a você, aqui, neste livreto, razões que lhe interessam, mesmo que você tenha apenas treze anos, a idade do Bar Mişwá. Essas razões interessar-lhe-ão ainda mais quando deixar a infância e entrar na juventude, e mais ainda quando deixar a juventude e entrar na vida adulta.

Infância, juventude e o princípio da vida adulta – quão diferente são essas três idades. Quão prazerosa e esplêndida é cada uma delas quando se faz uso da inteligência.

Em questões religiosas, a inteligência do garoto, a mocidade do jovem, como a inteligência dos últimos anos do homem ou da mulher feita e a avançada idade, oscila entre obediência irrefletida e a fidelidade atenciosa, entre entusiasmo e apatia, entre observância estrita e hostilidade abertamente declarada.

Portanto, apesar de ouvirmos muito, hoje em dia, sobre “declínio do sentimento religioso”, “tempos mudados”, “força das circunstâncias”, etc, exatamente como os mais velhos ouviram em seu tempo, porém nos lembremos de que o sentimento

¹ Bar Mişwá [בר מצוה] tem a primeira palavra de origem aramaica e a segunda de origem hebraica. Significa “filho do mandamento”. Um judeu passa a ser Bar Mişwá, quando atinge a sua maturidade, aos 13 anos de idade, passando a se tornar responsável por seus atos, de acordo com a lei judaica. (N. do T.)

religioso não está e nunca estará morto entre nós; porque Deus nos conta na Bíblia: “Meu espírito, que está sobre ti, e Minhas palavras, que te fiz pronunciar, jamais se apartarão de tua boca, nem da boca de tua semente nem da boca de todos os teus descendentes – diz o Eterno – desde agora e por todo o sempre.” (Yesha`yahu/Isaías LIX, 21)

Isso nos leva imediatamente ao real propósito do Bar Mişwá. É que nunca permitamos que o espírito de Deus e Suas palavras desapareçam, nem dos nossos corações, nem dos corações de nossas crianças, nem da comunidade ou do mundo em que vivemos. Isso é fazer o trabalho de Deus na terra.

Nós, firmemente acreditamos, conforme a Bíblia expressa, que os hebreus foram escolhidos por Deus, de maneira especial, entre todas as nações, para um destino tão inspirador quanto nobre, isto é, “serão benditas em ti todas as famílias da terra.” (Bere`shith/Gênesis XII, 3)

A Bíblia expressa, nada menos que cinco vezes, em Gênesis, seu primeiro livro, que Deus declara que “serão benditas em ti [Abraão] todas as famílias da terra.” (Bere`shith/Gênesis XII, 3). Nós somos os descendentes de Abraão.

Seja uma bênção!

“Serão benditas em ti todas as famílias da terra.” (Bere`shith/Gênesis XII, 3)

A única forma de podermos ser uma bênção real para a humanidade é vivermos de acordo com o espírito e com a palavra de Deus.

Esse é o motivo de Deus ter nos criado. É por isso que Deus escolheu a nós, os hebreus, para sermos Seus servos na terra, para ensinarmos ao mundo que se deve amar, honrar e obedecer ao espírito de Deus, pois esse o único jeito de uma nação continuar a existir. Babilônia, Egito, Grécia e Roma antigos deixaram de existir porque não amaram, não honraram ou não obedeceram ao espírito e à palavra de Deus, apesar de Deus ter inspirado alguns de seus pensadores a lhes ensinarem.

Veremos como o mundo foi abençoado e está a ser abençoado através de nós, pois, como uma nação, nós, os hebreus, transmitimos o espírito e a palavra de Deus para as outras nações do mundo.

Por espírito de Deus, referimo-nos ao que disse o profeta: “O espírito de sabedoria e de compreensão, de capacidade de aconselhamento e de fortaleza, de conhecimento e de temor ao Eterno.” (Yesha`yahu/Isaías XI, 2)

Nós, os judeus, existimos hoje, apenas para mantermos “o espírito e a palavra de Deus” nas nações nas quais vivemos e lhes ensinarmos isso.

Nosso destino sempre existirá por esse propósito, através de nossos filhos e dos filhos de nossos filhos, depois de nós.

CAPÍTULO II

O DESTINO DO JUDEU

Que maravilhoso destino para uma nação! Quão orgulhosos deveríamos ser por tal destino dado por Deus! Quão orgulhosos deveríamos ser por sermos judeus! E esse destino é para ser eterno!

“Se tudo isto que estabeleci se desfizer sem Minha ordem – diz o Eterno –, então também a semente de Israel deixará para sempre de ser uma nação sob Minha proteção.” (Yirmiyahu/Jeremias XXXI, 35)²

Uma nação não significa apenas um grupo de pessoas unidas por propósitos políticos ou por prosperidade material. Significa, aqui, um grupo de pessoas unidas pelos propósitos de Deus e pela felicidade espiritual sem ideia de poder, ganho ou vantagens pessoais.

Então, sempre existiremos. Foi decretado que nossa religião nunca desaparecerá.

Apesar de dizermos que podemos ser uma verdadeira bênção para toda a humanidade, apenas por darmos a ela essas verdades religiosas ou espirituais de Deus que expressam Seu espírito e por lhe ensinarmos a palavra de Deus, criando e assegurando a felicidade humana; devemos entender claramente que só podemos continuar a existir como uma nação consagrada ao trabalho de Deus na terra através da promoção da educação religiosa, da qual a preparação e a cerimônia de Bar Mişwá são apenas uma parte.

A história proclama o que já fizemos pela humanidade e como, através de nós, todas as nações foram abençoadas. Olhemos por um momento para aquilo que a história nos conta. Perceberemos que temos total razão de sermos orgulhosos por sermos judeus, se pensarmos no que o mundo deve ao povo judeu.

I.

Demos a Bíblia ao mundo. Esse é o maior e mais precioso presente que o mundo já recebeu.

² No texto original, esta referência contém também o verso 36. (N. do T.)

II.

As verdades bíblicas e a nobreza de suas inspirações para a boa conduta foram transmitidas pelos hebreus aos maiores pensadores do mundo, aos maiores professores de religião e filosofia, por mais de três mil e duzentos anos. Essas coisas devem nos orgulhar.

Desses professores e filósofos, podemos mencionar Zoroastro, Pitágoras, Platão e Aristóteles como homens que foram influenciados pelo pensamento judaico transmitido a eles por judeus.

O fundador do Cristianismo, que hoje influencia muitas nações e centenas de milhões de pessoas, era judeu. Nasceu como judeu, viveu e morreu como judeu e nunca pregou nada além da religião judaica ou a “lei de Moisés”, como ele mesmo declara.

Fílon de Alexandria, que também influenciou notavelmente o pensamento clássico, era judeu.

Maomé, que fundou a grande religião do Islã ou Maometismo e converteu miríades de povos árabes selvagens em adoradores do Único Deus, foi, por muitos anos, pupilo de um judeu. Seu Corão é, em grande parte, inspirado em nossa Bíblia.

Muitos outros poderiam também ser mencionados. (Vide nota ao fim deste capítulo.)

Ao dar esses estímulos de pensamento à humanidade, estímulos que gradualmente levaram o mundo a entender, ao menos um pouco, o espírito e a palavra de Deus, nós, os judeus, fomos verdadeiramente uma bênção para as nações do mundo.

Podemos, portanto, estar orgulhosos por sermos judeus e judias. O garoto judeu pode estar orgulhoso por ser Bar Mişwá, pronto para os chamados de Deus.

Ser Bar Mişwá significa, então, que você é maduro suficiente para começar a entender a grandeza do propósito de Deus para conosco na história da humanidade e da civilização, isto é, fazer toda a humanidade aproximar-se de Deus por meio de nossa Bíblia e de nosso exemplo pessoal.

Sim, temos orgulho de pertencermos ao povo que, durante três mil e duzentos anos, tem dado à humanidade o espírito e as palavras de Deus.

Você, que agora é maduro suficiente para ser Bar Mişwá pode dizer que tem orgulho de ser judeu, de ser Bar Mişwá. Mas, deve decidir e dizer: “Farei o meu melhor onde quer que eu esteja, para fazer minha parte na obra de Deus na terra.”

“Viverei, com todas as minhas habilidades, de acordo com o espírito e a palavra de Deus por toda a minha vida. Farei o meu melhor para estabelecer o exemplo correto ao fazer minha vida pessoal pura, minha vida doméstica amorosa e minha vida profissional honrosa.”

“Tenho orgulho de ser Bar Mişwá, orgulho de pertencer ao povo através do qual todas as nações da terra são e serão abençoadas, orgulho de ser judeu.”

NOTA DO CAPÍTULO II

Em relação a Zoroastro, o Rev. Dr. Browne, bispo de Ely, escreve “Zoroastro, que viveu cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, provavelmente teve contato com os hebreus e, talvez, com o profeta Daniel, na corte de Dario, e pode ter aprendido muito com essa associação.” (Vide seu comentário sobre Gênesis IV, 5 da Bíblia Sagrada, editado por F. C. Cook, M.A., Canon of Exeter.).

Pitágoras passou sua vida estudando religiões e filosofias. Passou dez ou doze anos na Babilônia, onde entrou em contato com o pensamento judaico com judeus, estudando sua religião e filosofia em suas grandes escolas. Morreu aproximadamente em 500 A.E.C. (Antes da Era Comum) ou cerca de dois mil e quinhentos anos atrás.³

Platão aprendeu com os filósofos do Egito e da Pérsia, onde judeus haviam se estabelecido há muito tempo, e entrou em contato com pensadores judeus (429-347 A.E.C.).

O próprio Aristóteles conta-nos, através de seu pupilo Clearco de Soles, sobre um judeu da Celessíria, que costumava visitá-lo e que “nos transmitiu mais informações que as recebidas de nós.” Aristóteles também falou sobre a maravilhosa e grande autonegação desse judeu em relação à sua dieta e seu puro modo de vida (384-322 A.E.C.). (Vide Flávio Josefo, Contra Apion 1:22).

Fílon de Alexandria, um filósofo judeu platônico do primeiro século, teve muita influência sobre os filósofos de seu tempo.

Maomé (570-632) aprendeu muito com um judeu e seu Corão, apesar de inferior à nossa Bíblia, “tomou como modelo muito de suas linhas”, como o Dr. Draper expressa bem. (História do Desenvolvimento Intelectual da Europa, Parte 1, capítulo XI, 343).

As grandes civilizações da antiga Babilônia, Egito, Pérsia e os Hititas morreram devido à ignorância religiosa, que suas civilizações toleraram e até encorajaram, apesar do contato ocasional com mercadores, viajantes, estudantes e professores judeus.

³ No texto original, consta “*twenty-four hundred years ago*”, ou seja, dois mil e quatrocentos anos atrás, pois foi publicado em 1938. (N. do T.)

Assim também aconteceu com as últimas e maravilhosas civilizações clássicas da Grécia e de Roma, porque eles todos rejeitaram os ensinamentos judaicos ou os perderam no pensamento pagão. O mesmo não aconteceu com o Cristianismo e o Islã, religiões filhas do Judaísmo, porque muitos dos ensinamentos de nossa Bíblia vivem e são reproduzidos nelas, ainda que de maneira inexata.

CAPÍTULO III

O QUE SIGNIFICA SER BAR MIŞWÁ

Agora, vejamos o que significa ser Bar Mişwá.

Mişwá⁴ significa mandamento. Ser Bar Mişwá, então, significa aquele que é comprometido a observar os mandamentos.

Mişwá também significa um dever religioso. Nesse sentido, Bar Mişwá também significa aquele que observa ou que deve observar o dever religioso.

Como dissemos antes, por volta dos treze anos, uma grande mudança começa nos pensamentos de um garoto. Você que está a ler este livro deve ter notado isso também.

Você começa a deixar de ser um garoto descuidado e inconsequente. Começa uma nova fase na sua vida. Começa a pensar. De algum modo, novos pensamentos, novas ideias vêm à sua mente. Não sabemos como surgem, da mesma forma que não sabemos como você mudou de um bebê para uma criança um pouco maior e disso para um garoto. Você não foi capaz de pensar quando bebê. Começou a pensar quando era criança. E pode pensar melhor quando se tornou um garoto.

Chamamos isso de crescimento ou evolução. Não sabemos como o crescimento ou a evolução é afetada da mesma forma que não sabemos como uma folha de grama cresce ou como uma folha desenvolve-se.

É a Lei de Deus.

Os pais tentam, a cada fase – infância, idade de Bar Mişwá, juventude e idade adulta –, influenciar seus filhos para o bem através do que é chamada educação por meio de preceitos, e especialmente por meio de exemplos.

Em nenhum momento, essa solicitude parental amável é mais necessária do que na idade de Bar Mişwá, pois, quando você chega aos treze anos, tanto seu crescimento intelectual quanto físico mostra que está no início da juventude; e, então, vem a vida adulta jovem. É uma grande coisa ser, verdadeiramente, um homem.

⁴ Em hebraico: מצוה. (N. do T.)

Quando faz treze anos ou se torna Bar Mişwá, como já dissemos, novos pensamentos, novas esperanças e aspirações, novas emoções, muito distantes daquelas de sua infância, sussurram que, em breve, você se tornará um adulto jovem.

Assim, quando você é Bar Mişwá, é considerado tanto por si mesmo quanto por todos com idade suficiente para ser responsável por suas ações e palavras, para começar a ser um homem.

Seus pais, os mais velhos e seus professores querem ajudar você a ser um verdadeiro homem, e eles sabem que você deve e só pode ser ajudado pela educação, por meio de estudos, preceitos, exemplos e boas associações.

É verdade que você só é Bar Mişwá quando chega à idade de treze anos, mas sua educação religiosa realmente começa na sua infância. Iniciou-se não apenas com os ensinamentos falados que recebeu, mas também com o poderoso e silencioso poder do exemplo de seus pais e de seus maiores em questões religiosas.

Certamente, você foi influenciado por esse exemplo. Podemos dizer que, se você viu seus pais e seus maiores em casa ou na sinagoga recitando orações a Deus com reverência, instintivamente entendeu que orações a Deus devem sempre ser feitas com reverência.

Crianças, tanto meninos quanto meninas, são ensinadas a recitar uma parte ou mesmo todo o Shemá` e, possivelmente, uma pequena oração ao amanhecer e ao anoitecer. Claro que sempre devem ser ditas com muito respeito, isto é, como se estivéssemos presencialmente diante de Deus. Nenhuma reza deveria ser dita mecanicamente ou apenas por formalidade.

Crianças, meninos e meninas, devem também ser ensinadas a se reunirem à família quando em orações, tais como “Bênçãos dos Alimentos”⁵ e, onde qualquer melodia antiga tradicional é cantada, devem ser encorajadas a cantar também. É o exemplo dos pais e dos mais velhos que ajudam a ensinar reverência e a elevar as jovens almas a Deus nesses momentos e em todos os momentos.

Quando você se torna Bar Mişwá, essas e tais observâncias religiosas tornam-se obrigatórias, e quando corretamente entendidas, ajudam a elevar a alma a Deus.

⁵ Birkath haMazon [ברכת המזון] é um conjunto de bênçãos para serem pronunciadas após uma refeição. (N. do T.)

Você não é mais uma criança apenas, ou um simples garoto. Você é Bar Mişwá, prestes a entrar na vida adulta.

Você tem idade suficiente para fazer uma pequena parte da obra de Deus no mundo, que foi confiada a seus ancestrais por Ele, para representar a Deus e defender o que é correto. Esse era para ser o destino deles, e ao cumpri-lo, seriam benditas todas as famílias da terra. Ensine aos outros, através de seu próprio exemplo, a rezarem com reverência. Esse é o começo de sua obra para Deus no mundo.

Mostramos a você que não há outra nação ou povo durante todos os muitos séculos de história que tem sido uma bênção à humanidade como nós. Temos orgulho disso.

Você achará no apêndice o que os grandes escritores do mundo pensam sobre nós. Temos orgulho do que eles dizem de nós.

Somos orgulhosos por sermos judeus ou judias, orgulhosos por sermos agentes e servos que trabalham para Deus, orgulhosos por sabermos que fizemos muito pelo mundo e orgulhosos pelo espírito de Deus e por Sua palavra.

Agora, você começa a entender o que significa ser Bar Mişwá? Significa que não é mais uma criança ou um garoto inconsequente, mas é um menino ponderado, quase um jovem; portanto, nunca será faltoso à escola ou um covarde moral nos negócios, nunca terá vergonha de sua religião ou tentará escondê-la; mas mostrará, através de sua conduta, que sua religião significa fazer a vida doméstica feliz e a vida na escola ou na universidade e também no ambiente profissional honrosa.

Assim, temos um direito de dizer que Bar Mişwá está muito distante de significar apenas um só dia para alegria familiar, para receber presentes e congratulações, para recitar algumas palavras do Sêfer Torá⁶ na sinagoga ou ler alguns versos dela ou de outros livros da Bíblia.

É o dia para se acender um orgulho nobre em seu coração devido àquilo que seu povo legou ao mundo; um dia para despertar em sua alma o mais sério e sincero desejo de fazer sua parte da “obra de Deus na terra” e para ter sua própria conduta guiada pelo espírito e pela palavra de Deus, um dia para fazer você orgulhoso de ser judeu.

⁶ Sêfer Torá [ספר תורה], “livro da Lei”, rolo que contém os cinco primeiros livros da Bíblia copiados à mão e cuja composição obedece uma série de obrigações de produção. (N. do T.)

CAPÍTULO IV

O SHEMA`

Até aqui, aprendemos que ser Bar Mişwá realmente significa ter idade suficiente para entender que vivemos no mundo para cumprirmos certos deveres por amor a Deus; em outras palavras, não vivemos apenas para termos bons momentos, para ganharmos dinheiro ou para realizarmos algumas ambições egoístas, mas vivemos para fazermos a obra de Deus e conduzirmos a pensarem nEle e ao que Lhe é devido.

Todos nós, no entanto, necessitamos de lembretes de nossos deveres.

Portanto, realizamos certas formas e cerimônias para que nos ajudem a termos fé em Deus e a realizarmos nossos deveres de modo inteligente, como todo soldado observa a formalidade de saudar a bandeira ou o oficial superior para lembrá-lo de seu dever, e como todo homem que é um cavalheiro levanta seu chapéu a toda dama conhecida quando a encontra na rua.

Queremos entender o que está por trás de nossas formalidades e cerimônias, qual seu profundo significado, qual seu valor ético ou de conduta e como podem nos dar uma ideia de Deus mais nobre e mais elevada, de maneira que possamos realizar nossos deveres para com Ele e por Ele mais inteligentemente.

O primeiro e o mais importante entre nossos deveres religiosos é o *Qeriath Shemá*⁷, ou a recitação do Shemá`.

O Shemá` é nosso grito de guerra, pois, como mostraremos, denota “Deus e Dever”.

O Shemá` é, apropriadamente, composto por três pequenas seções da Bíblia que apresentaremos, mas é, geralmente, referido apenas à primeira seção, que contém apenas cinco versos do livro de Deuteronômio. Algumas pessoas entendem pelo termo apenas o primeiro verso.

É chamado O Shemá` porque a primeira palavra do primeiro verso da primeira seção é *Shemá`*, que significa “escuta”.

⁷ Em hebraico: קְרִיַת שְׁמַע. (N. do T.)

Uma pergunta pode surgir sobre isso: por que damos tanta importância à recitação do Shemá? Respondemos que é porque a primeira seção contém a essência de nossa religião e do que deve ser a religião de todo o mundo.

O primeiro verso declara “Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um só!” (Debarim/Deuteronômio VI, 4). Significa o que chamamos de Unidade de Deus, isto é, que há só um Deus em todo o universo.

Qual a vantagem de dizer que o Eterno é nosso Deus e qual é a utilidade de ter um Deus a menos que seja para honrá-lo e mostrar que Ele é um poder para a bondade em nossas vidas?

Esse pensamento nos faz dizermos a nós mesmos: “Bem, provamos que honramos a Deus e mostraremos em nossas vidas que Ele é um poder que nos move para fazermos o que é correto.”

A próxima linha, “Bendito seja o Nome daquele cujo glorioso reino é eterno”, não é um texto bíblico. Foi a exclamação do povo quando escutou a solene proclamação da Unidade de Deus, de que há apenas um só Deus. Então, nenhum outro ser deve ser adorado e todas as pessoas devem servir a Ele através de bons exemplos, ajudando o pobre e o necessitado e fazendo os outros felizes, em outras palavras, tentando fazer o que é certo.

O verso seguinte dá-nos um grande ensinamento: “E amarás ao Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses.” (Debarim/Deuteronômio VI, 5).

Podemos estar orgulhosos porque a nós foi confiada por Deus a sagrada tarefa de ensinar ao mundo que o começo, o meio e o fim da religião é amar a Deus, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todas as nossas posses.

É isso. Se amamos com um amor verdadeiro, não há nada que não faremos para satisfazermos a quem amamos. Não queremos retorno por isso, nem recompensa alguma. Fazemos isso apenas por puro amor. Nossa religião ensinou esse verso à humanidade, pela primeira vez, três mil e duzentos anos atrás, através de Moisés, nosso mestre.

O cristianismo adotou esse ensinamento de nós mil anos depois de Moisés proclamá-lo ao mundo através de nós.

É o começo, o meio e o fim de toda religião, pois, se amamos a Deus, então sempre faremos o que é correto, por Seu amor, e apenas por amarmos a Ele. Nunca faremos mal a ninguém propositalmente, pois isso desagradaria a Deus. Sempre

corresponderemos ao que chamamos os “três grandes Rs” judaicos – “Reverência para com Deus, Retidão para com o homem e Responsabilidade para com nós mesmos.” Esses são nossos mais elevados ideais.

“Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um só! E amarás ao Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses.”

Essas palavras, de acordo com o próximo verso do Shemá`, devem sempre inspirar nossos corações, pois assim diz: “E estas palavras que eu te ordeno hoje estarão sobre o teu coração.” (Debarim/Deuteronômio VI, 6).

Essas palavras, ensinando-nos a ter fé em Deus e a amá-Lo, devem influenciar nosso discurso e devem, durante todo o tempo, dominar nossa vida doméstica e nossa vida social, nossa vida profissional e nossa vida pública.

Isso é declarado nos próximos três versos, conforme seguem:

Verso 7 – “E as inculcarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te.”

Isto é, o amor a Deus deve guiar nossa vida.

Verso 8 – “E as atarás como sinal na tua mão, e serão por filactérios entre os teus olhos.”

Isto é, amor a Deus deve guiar nossas ações e nossos pensamentos.

Verso 9 – “E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.”

Isto é, que o amor a Deus e a fé em Deus devem guiar não apenas nossa vida privada, mas também nossa vida pública, nossas ações em nossa casa e fora dela.

Nos tempos antigos, muito da vida pública ou dos negócios de todos dava-se nos portões do povoado ou da cidade. Nesse espaço, nos portões, ficavam os mercados. Aí, comerciantes entravam ou saíam, aconteciam julgamentos e eram feitas grandes reuniões sociais.

O Shemá` é tão importante que é a primeira oração que somos ensinados quando crianças, e a primeira linha é a última oração recitada no nosso leito de morte. Se acontecer de ficarmos inconscientes, ou se já tivermos morrido, é recitada pelos que estão presentes, quando percebem que a alma está a deixar ou já deixou o corpo.

A segunda passagem bíblica do Shemá` (Debarim/Deuteronômio XI, 13-21) repete os ensinamentos que acabamos de citar, acrescentando que a bênção de Deus sobre nossas vidas depende de nosso amor e nossa servidão a Ele.

A terceira seção (Bamidbar/Números XV, 37-41) ensina a consagração da vida humana, a consagração de nossas próprias vidas, a Deus e ao Dever.

“E não errareis seguindo vossos corações e vossos olhos, pelos quais vós viveis a errar.

Para que vos lembreis e cumprais todos os Meus preceitos e sejais santos para com vosso Deus.

Eu sou o Eterno, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para ser vosso Deus – Eu sou o Eterno, vosso Deus!”⁸

Frequentemente em nossa história, quando nossos ancestrais foram massacrados, quando nossos mártires foram queimados em uma fogueira, decapitados, enforcados, baleados, esfolados vivos ou torturados até a morte, as últimas palavras que pronunciaram foram as palavras do primeiro verso desta grande oração, o Shemá: “Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um só!”

Eles morreram nobremente, pois, em suas mortes, provaram sua lealdade a Deus e ao dever.

Você, o Bar Mişwá, pode estar orgulhoso de pertencer à nação que conta com tão grandes mártires e de ser descendente de ancestrais que, por mais de três mil e seiscentos anos, é leal a Deus e ao dever.

No dia que você se tornar Bar Mişwá, a recitação do Shemá torna-se o mais nobre grito de guerra para você.

⁸ Bamidbar/Números XV, 39-41. (N. do T.)

CAPÍTULO V

OS JUDEUS E OS AMERICANOS, OS INGLESES, OS FRANCESES, OS ALEMÃES, ETC

Somos orgulhosos por sermos americanos, ingleses, franceses, alemães, ou de termos nascido nos países que nascemos.

Temos orgulho também de pertencermos à religião judaica, ou seja, de sermos judeus e judias.

Achamos boas razões para isso ilustradas em lemas nacionais.

O lema americano é *“In God we trust”*⁹.

Mas, o lema judaico, conforme ensinado na Bíblia, é “Confia no Eterno e faz o bem” (Tehilim/Salmos XXXVII, 3). Não é bom confiar em Deus e fazer o que é mal. Não é bom confiarmos em Deus e não vivermos conforme Seus ideais de conduta humana. “Confia no Eterno e faz o bem” é o que nós judeus dizemos.

O lema do inglês é *“Dieu et mon droit”*, ou “Deus e meu direito”. Mas, o que pensamos ser nosso direito pode ser errado para outro.

O lema judaico é “Deus e o direito” ou *“Dieu et le droit”*. “Farás o que é bom e direito aos olhos do Eterno, teu Deus” (Debarim/Deuteronômio XII, 28). É isso que nós judeus dizemos, não apenas o que é bom e direito aos nossos olhos, pois somos apenas humanos e, portanto, propensos a fazermos o que é errado para nosso próprio benefício e em detrimento dos outros. Nossa melhor forma é pensarmos em voz alta o que Deus gostaria que fizéssemos, e então fazermos o que é correto, mesmo que signifique uma perda para nós.

O lema do francês é *“Liberté, Egalité, Fraternité”* ou “Liberdade, Igualdade e Fraternidade.”

Isso não faz qualquer referência a Deus. Esquecer Deus, em nossas aspirações nacionais ou sociais, é repugnante para o pensamento judaico.

Nós, os judeus, acreditamos em liberdade, mas associamos o pensamento de Deus com nossa liberdade.

“Eu sou o Eterno, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa dos escravos” (Shemoth/Êxodo XX, 2).

⁹ “Em Deus confiamos”. (N. do T.)

Acreditamos em igualdade, mas dizemos que foi Deus que nos ordenou que “uma mesma Lei e um mesmo juízo haverá para vós e para o prosélito que peregrina convosco.” (Bamidbar/Números XV, 16)¹⁰

Acreditamos em fraternidade ou irmandade, mas nossa religião ensina: “Não temos todos nós um mesmo Pai? Não nos criou a todos um mesmo Deus?” (Mal’akhi/Malaquias II, 10)

Nós admitimos que Deus está em nossos ideais nacionais.

Para o alemão, o lema era “*Gott mit uns*” ou “Deus conosco”. Isto é, “Deus está conosco” ou “Deus esteja conosco”, mas não é, necessariamente, o significado judaico de tal frase.

Esse foi nosso grito nos tempos de Moisés e de Josué, pois seu grito, três mil e duzentos anos atrás, foi “o Eterno está conosco” (Bamidbar/Números XIV, 9). E esse sempre foi nosso grito como judeus. Mas, devemos ser dignos de termos Deus conosco.

Então, nossa religião ensina-nos a dizermos “possam as palavras de minha boca e a prece de meu coração serem aceitas por Ti, ó Eterno, minha rocha e meu redentor.” (Tehilim/Salmos XIX, 15), pois Deus não pode estar conosco de outra forma.

Esse é o alto padrão requerido do judeu.

Além disso, acrescentemos isto:

Todas as nações – americanos, ingleses, franceses, alemães etc – são corpos políticos. Vivem para si mesmos; buscam seus próprios interesses materiais; adquirem território sempre que podem e se estabelecem com o máximo de poder que possam comandar.

A nação judaica não é assim. Não é um corpo político, como já dissemos. Seus limites foram rigidamente delimitados pela Bíblia a uma pequena terra, praticamente o centro do mundo antigo, onde Europa, Ásia e África encontram-se.

Ali, os hebreus tiveram contato com viajantes, mercadores e estudantes de todos os países do mundo antigo.

Hoje, os judeus buscam a restauração de sua nação em sua antiga terra, não meramente como pátria e não apenas como um refúgio para judeus desabrigados

¹⁰ Na obra em inglês, a referência também engloba o verso 17. (N. do T.)

ou perseguidos, mas para ser uma inspiradora e pacificadora influência para o benefício de todas as nações do planeta.¹¹

Portanto, através disso, todas as nações da terra serão abençoadas e a promessa de Deus a nossos ancestrais será cumprida.

Ó, é uma ótima coisa ser judeu!

¹¹ O texto original em inglês foi escrito antes de 1948, ano da fundação do Estado de Israel, e, portanto, o povo judeu ainda buscava restaurar seu Estado. (N. do T.)

CAPÍTULO VI

AGRADECIMENTO PELAS REFEIÇÕES

Todo cavalheiro diz “obrigado” a quem lhe dá algo ou, de alguma forma, contribui para seu bem-estar.

Por que não diremos “obrigado” a Deus por nossa comida, se foi através de Sua bênção que a conseguimos?

É apropriado bendizer a Deus antes e após as refeições, mas devemos manter uma postura respeitosa ao fazê-lo.

Chamamos isso de “dar graças”.

O objetivo dessa pequena cerimônia é agradecer a Deus, que nos dá os meios para vivermos, e O reconhecemos como o Criador e Mantenedor de tudo. Mas, percebamos que nossa gratidão é melhor provada pelo tipo de vida que levamos. Não sejamos como animais que comem, saem e esquecem que Ele é quem lhes dá.

Antes de partilharmos a comida diante de nós, reverentemente inclinamos nossas cabeças e dizemos, silenciosamente ou em voz alta: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que extrai o pão da terra.”

Ao concluir as refeições agradecemos a Deus novamente recitando parte ou todas as “*Birkath haMazon*” achadas em nossos sidurim.¹²

A Bíblia expressa essa obrigação quando diz: “E comerás e te fartarás e louvarás ao Eterno, teu Deus.” (Debarim/Deuteronômio VIII, 10). Isto é, não se esqueça de bendizer ou agradecer a Deus por tudo o que Ele nos dá.

“Mas, antes te lembrarás do Eterno, teu Deus, porque é Ele quem te dá força para conseguires prosperidade.” (Debarim/Deuteronômio VIII, 18).

Então, se Deus faz tanto por nós, façamos algo para agradá-Lo.

Não esqueçamos que a Bíblia também diz:

“Nem só de pão vive o homem, senão que de tudo o que sai da boca do Eterno, disso vive o homem.” (Debarim/Deuteronômio VIII, 3)

¹² Livros de orações (N. do T.)

Isso quer dizer que o homem vive para algum propósito de Deus. O verdadeiro homem vive para fazer o bem e o direito. O verdadeiro homem não é e nunca será aquele que se preocupa apenas com seu ganha-pão.

CAPÍTULO VII

OS SÍMBOLOS DE NOSSA RELIGIÃO

Nossos lembretes para pensarmos, falarmos e fazermos o correto

Vamos agora aos símbolos e cerimônias de nossa religião, nossos lembretes de conduta – assim podemos chamá-los. Eles servem para nos lembrarem e nos ajudarem a agir conforme verdadeiros homens e como verdadeiros judeus devem agir. Objetivam nos ensinar a não vivermos nossas vidas apenas para nós mesmos, mas a vivermos para ajudarmos os outros também. Isso é chamado altruísmo.

Isso também é fazer a obra de Deus na terra, também ser uma benção para a humanidade.

Os símbolos são, universalmente, usados para expressar certas ideias que tocam nossas emoções nobres.

Os oficiais e soldados vestem-se de símbolos que mostram suas patentes e, assim, promovem disciplina ou declaram seu valor. Os políticos vestem seus símbolos para declararem seus méritos. Os membros da Legião da Honra¹³ e de várias outras Ordens vestem-se para denotarem que são dignos de elevados pensamentos, que essas Ordens simbolizam. Os maçons vestem aventais brancos, para simbolizarem pureza.

O marido dá à sua esposa a aliança, para simbolizar o laço de amor eterno que liga seus corações.

A bandeira do nosso país é o símbolo máximo de patriotismo.

Os principais símbolos em nossa religião para nossa vida diária são: (a) o Şiřith e o Taleth, (b) o Tefilin e (c) a Mezuzá.

Todos os símbolos usados em nossa religião devem despertar nossas emoções mais nobres, para trazermos Deus à conduta humana e, assim, fazer-nos homens melhores e mais nobres.

¹³ Ordem Nacional da Legião de Honra (em francês: *Ordre National de la Légion d'Honneur*) é uma condecoração honorífica francesa. Instituída a 20 de maio de 1802 por Napoleão Bonaparte, recompensa os méritos de eminentes militares ou civis à nação. Ordem máxima da nação francesa, tendo um limite de apenas 75 membros vivos entre os grã-cruzes. (N. do T.)

A importância de nossos símbolos como lembretes para pensarmos, falarmos e agirmos corretamente é também evidenciada pelo fato que os olhos de todo o mundo estão focados nas ações e nas palavras de todos os judeus. O mais doloroso fato é que os erros de um só judeu recaem, frequentemente, sobre todo o povo judeu devido ao preconceito para conosco.

Portanto, cada judeu deve ser cuidadoso, para que sua conduta sempre seja justa e reta. O uso de símbolos, frequentemente, recorda-nos de mantermos luminosa a honra do nome judaico.

CAPÍTULO VIII

O ŞIŞITH E O TALETH

O Şiřith e o Taleth são mantos com franjas que remetem a um mandamento bíblico (Bamidbar/Números XV, 37-41). Encontramos esse mandamento na terceira seção do Shemá`. O Şiřith é pequeno e usado sempre¹⁴, o Taleth é maior e é usado apenas na sinagoga.

A razão para vestirmos as franjas é para nos lembrarmos da lealdade para com Deus, que é sagrado, e conseqüente consagração de nossa conduta e de nosso carácter.

Essa razão está expressa na Bíblia nas palavras seguintes:

“E será para vós como franjas, e as vereis e lembrareis todos os mandamentos do Eterno, e os cumprireis; e não errareis seguindo vossos corações e vossos olhos, pelos quais vós viveis a errar.

Para que vos lembreis e cumprais todos os Meus preceitos e sejais santos para com vosso Deus.” (Bamidbar/Números XV, 39-40)

Santos para nosso Deus! Pensemos, por um momento, sobre o que essas quatro palavras significam.

Somos a única das antigas nações cujo Deus é santo. Todas as outras nações – Egito, Babilônia, Assíria, Síria, Grécia, Roma – adoraram deuses e deusas que viviam vidas profanas, de acordo com a história antiga. Naturalmente, seus adoradores imitaram suas divindades e seguiram suas vidas de acordo com a delas. Nenhuma verdadeira e duradoura civilização e nenhuma verdadeira e duradoura alegria humana poderiam existir assim. Por isso, essas nações desapareceram.

Deus inspirou Abraão, Moisés e nossos profetas e sábios a ensinarem a todas as nações como viverem vidas santas, para que, dessa forma, todas as nações pudessem viver.

Sermos santos significa a consagração de nossas vidas para fazermos a obra de Deus na terra e sermos testemunhas para o mundo de que a vida humana deve ser consagrada e santa.

¹⁴ Também chamado de Taleth Qatan, o Şiřith [ציצית] é usado por alguns sefaraditas para recordar a miřwá da Torá, mas o cumprimento desse mandamento só é feito com o Taleth Gadol. Em Sefarad (Península Ibérica), antes da expulsão dos judeus, não se usava o Taleth Qatan que usam os judeus polacos. (N. do E.)

Deus pretende que este mundo, que Ele criou, seja bom (Bere'shith/Gênesis I, 31). Então, devemos pensar, falar e fazer o correto.

Assim como a bandeira de nosso país solicita-nos fazer todo sacrifício por sua honra e integridade e a defendê-la em todos os momentos, as franjas, quando vistas pela manhã, lembram-nos de fazermos todo sacrifício pela honra e pelos grandes ideais de nossa religião. Devemos defendê-los todo o tempo. “Reverência, Retidão, Responsabilidade” – essas são os “três grandes Rs” judaicos; esses são os grandes ideais de nossa religião. O garoto Bar Mişwá não pode deixar de ficar orgulhoso deles.

Consagramos a nós mesmos e a nossas vidas quando temos coragem moral para realizarmos nossos deveres religiosos e defendermos o correto e a Deus todos os momentos e a todo custo, e sempre, através de nossos exemplos, levarmos os outros para Deus.

Consagramos a nós mesmos e a nossas vidas quando temos a coragem moral de falar pelo correto e pelo puro, de falar contra o que é errado e impuro.

Consagramos a nós mesmos e a nossas vidas quando temos a coragem moral de corrigirmos nossas próprias falhas e lutamos por ideais altos e nobres, abandonando companhias más ou desnecessárias, perseverando no que é reto, não importando quantas vezes falhamos em nossos esforços para logarmos êxito; sendo demasiadamente orgulhosos para darmos uma falsa desculpa ou para sermos dissimulados, demasiadamente orgulhosos para proferirmos mentiras ou dizermos ou fazermos algo ruim.

Consagramos a nós mesmos e a nossas vidas quando resolvemos nunca odiar ninguém, pois o ódio leva a pensamentos ruins e pensamentos ruins a más ações. Podemos até odiar, aliás, devemos odiar; desde que esse ódio seja direcionado à maldade, aos pecados e às falhas. Não importa apenas odiar o errado, mas também os corrigir, aproximando do correto aqueles que se acham culpados.

Consagramos a nós mesmos e a nossas vidas quando somos servos de Deus, isto é, quando O servimos em adoração, quando ajudamos os pobres, os doentes e os desfavorecidos. Servimos a Deus quando também somos Suas testemunhas, ou seja, quando defendemos o que é correto na vida doméstica, na vida profissional, na vida social e na vida cívica.

CAPÍTULO IX

COMO A BÍBLIA HEBRAICA NOS ENSINA E ENSINA AO MUNDO A NOS CONSAGRARMOS E A CONSAGRARMOS AS NOSSAS VIDAS

(Estes versículos devem ser cuidadosamente lidos, memorizados e refletidos, especialmente pelo garoto mais velho e pelo adulto jovem.)

Os versículos seguintes, do capítulo XIX de Levítico, e nossos profetas, diferentemente de toda religião, dizem-nos o que significa consagrar nossas vidas.

“Não acabarás de segar o canto do teu campo, e não recolherás as espigas caídas no recolhimento de tua ceifa. E não rebuscarás tua vinha, e não recolherás o bago de tua vinha; para o pobre e o peregrino deixarás.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 9-10)

“E não jurareis falso em Meu Nome, profanando o Nome de vosso Deus” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 12) (Nota: “profanando o Nome de vosso Deus” significa não fazer nada que desonre ou degrada nossa religião.)

“Não trapacearás o teu próximo, e não extorquirás. Não ficará a paga de um diarista contigo até pela manhã.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 13) (Ou seja, pague os salários conforme acordado.)

“Não amaldiçoarás ao surdo, e não porás obstáculo diante do cego.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 14) (Não podemos imaginar alguém tão desalmado, mas isso significa “não fale mal das pessoas por trás e de quem, portanto, não puder o ouvir falando mal dele. Também não faça ninguém ser lesado devido à sua ignorância. Não deturpe nada; deixe que as pessoas vejam a verdade. Se você as cegar para os fatos, praticamente porá ‘obstáculo diante do cego’”.)

“Não fareis injustiça no juízo; não favorecerás as faces do mendigo, nem honrarás as faces do poderoso.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 15)

“Não andarás com mexericos entre o teu povo. Não sejas indiferente quando o teu próximo está em perigo.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 16)

“Não odiarás a teu irmão em teu coração; repreenderás a teu companheiro, e não levarás sobre ti pecado.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 17)

“Não te vingará e nem guardarás ódio contra os filhos de teu povo, E AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO – EU SOU O ETERNO!” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 18)

“Diante de pessoas idosas te levantarás e honrarás a presença dos sábios, e temerás a teu Deus – Eu sou o Eterno!” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 32)

“E quando habitar convosco um peregrino [não-judeu] na vossa terra, não o enganareis.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 33)

“Como o natural entre vós, será para vós o peregrino que habitar convosco, E O AMARÁS COMO A TI MESMO.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 34)

“Não pervertereis o juízo, nem a medida de comprimento, de peso e de volume.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 35)

“Balanças justas, pesos justos, *efá* justa e *hin* justo tereis para vós.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 36)

“Tu és Meu servo, Israel, em quem Me glorificarei!” (Yesha`yahu/Isaías XLIX, 3)

“Vós sois as Minhas testemunhas – diz o Eterno – Meus servos a quem escolhi.” (Yesha`yahu/Isaías XLIII, 10)

“O povo que criei para Mim, para que exaltasse meu louvor.” (Yesha`yahu/Isaías XLIII, 21)

“Eu sou o Eterno, que em integridade te escolheu; tua mão hei de fortalecer e sempre te protegerei; te transformarei em um convênio para todos os povos e uma luz para as nações.” (Yesha`yahu/Isaías XLII, 6)

“Pois já te ordenei: sê forte e corajoso, não te apavores nem temas, porque o Eterno, teu Deus, está contigo por onde quer que andares.” (Yehoshua`/Josué I,9)

“Lavai-vos e purificai-vos, extirpai o mal de vossas ações de ante os Meus olhos e cessai de praticar o mal.” (Yesha`yahu/Isaías I, 16)

“Aprendei a fazer o bem, buscai a justiça, trazei alívio aos oprimidos, agi com justiça para com os órfãos, defendei a causa da viúva.” (Yesha`yahu/Isaías I, 17)

“Eu sou o Eterno, que pratico misericórdia, retidão e justiça na terra; porque nisto Me deleito – diz o Eterno.” (Jeremias IX, 23)

“A ti foi dito, ó homem, o que é bom e o que o Eterno exige de ti: somente que saibas agir com justiça, amar a benevolência e caminhar discretamente com o teu Deus!” (Mikhá/Miqueias VI,8)

“Eis o que deveis fazer: Falai cada qual somente a verdade a seu próximo; praticai justiça em verdade e paz em vossos portões; e que nenhum de vós trame o

mal contra seu próximo em seu coração nem afirme juramentos falsos, pois estas são coisas que abomino – diz o Eterno.” (Zekharyá/Zacarias VIII, 16-17)

Quando vemos a barra da manhã em casa ou quando a vemos na sinagoga, isso nos recorda de que devemos consagrar nossas vidas diárias ao relembrar esses gloriosos ideais e, sobretudo, vivendo à altura deles.

É isso que o Şişith e o Taleth, vestes com franjas nas barras, lembram realmente.

Somos orgulhosos de vestirmos uniformes escolares ou de faculdades, insígnias militares ou medalhas civis. Não deveríamos nos sentir mais orgulhosos de nos vestirmos com Şişith ou Taleth?

Essas vestes representam os mais altos ideais, os grandes ideais bíblicos que acabamos de citar.

CAPÍTULO X

O TEFILIN (FILACTÉRIOS)

Quando um garoto torna-se Bar Mişwá, permite-se que ele ponha Tefilin ou Filactérios.

São duas pequenas caixas, contendo cada uma delas quatro seções da Torá, a Lei ou o Pentateuco, ou ainda os cinco livros de Moisés, como esses livros são chamados. Essas quatro seções são amarradas no braço, na mão e na testa durante a oração da manhã.

Elas representam tudo que é mais caro e sagrado em nossa religião, pois as duas primeiras seções são as mesmas que as primeiras duas seções do Shemá, das quais já falamos (Vide Capítulo IV).

A terceira seção é “Consagra para mim todo primogênito [...]” (Shemoth/Êxodo XIII, 1-10)

Originalmente, todos os primogênitos em Israel eram encarregados da educação religiosa dos outros hebreus e com obrigações ministeriais (Shemoth/Êxodo XIII, 2). Os levitas foram, subsequentemente, substitutos para eles (Bamidbar/Números VIII, 18) como uma recompensa por sua lealdade a Deus, quando o primogênito e todo Israel era, muito rudemente e vergonhosamente, desleal, conforme narrado em Êxodo XXXII.

A Bíblia sustenta que todas as nações são igualmente filhos de Deus, mas que Ele considera a nação de Israel, isto é, os hebreus, como o primogênito ou aquele cuja tarefa especial é guiar as outras nações a ideais religiosos para que, em tempo, aconteça como diz o salmista: “Todas as nações que criaste virão prostrar-se ante Ti e glorificarão Teu Nome” (Tehilim/Salmos LXXXVI, 9), ou conforme declara o profeta: “a terra estará repleta do conhecimento do Eterno, como as águas cobrem o mar”. (Yesha`yahu/Isaiás XI, 9).

A terceira seção proclama a importância daquilo que chamamos educação religiosa. Mas, se somos destinados a defender a importância da educação religiosa dos outros, o que dizer sobre nossa própria educação religiosa?

Não queremos dizer apenas a educação religiosa de nossos garotos e garotas, mas de nossos jovens e nossas moças e de nossos adultos e de nossas adultas.

Como garotos e garotas, somos enviados à escola religiosa. Mas, como jovens e moças, temos que assistir às palestras e às classes de história, religião ou literatura hebraicas, sempre que temos a chance de fazê-lo, ou temos que ajudar a organizar tais palestras e classes.

Fazendo assim, provamos nossa lealdade a Deus e à nossa história e a nosso destino dado por Deus.

A quarta seção no Tefilin começa “E quando o Eterno te levar à terra” (Shemoth/Êxodo XIII, 11-18).

Essa referência à terra carrega consigo tudo o que a posse da região significa.

A posse da terra não significa apenas a posse daquela pequena faixa de terra como pátria ou como um lugar onde os judeus perseguidos em outros países podem achar refúgio, mas também o estabelecimento de uma influência espiritual central para o benefício de toda a humanidade. Isso já declaramos.

Uma sinagoga é um lugar muito pequeno comparado a todo o bairro ou à cidade, assim a terra é um país pequeno, quando comparada a todo o continente e a todo o mundo.

No entanto, a sinagoga está lá para influenciar todo o bairro e toda a cidade para o bem. Assim deve ser, não somente uma casa de oração.

Assim, a terra da herança deve influenciar todo o mundo para o bem. Os judeus residindo nela serão o que Deus chama “um reino de sacerdotes e um povo santo” com grandes propósitos (Shemoth/Êxodo XIX, 6). E os judeus residentes em outros países cooperarão com esses, levando as nações a ideais sublimes.

O Tefilin, portanto, através das quatro porções da Lei que contém, lembra-nos toda manhã de:

1. Proclamarmos e reconhecemos o uno e único Deus, e a tornarmos nosso amor por Ele muito real, ao ponto de influenciar nossa conduta;
2. Acreditarmos em Sua justiça;
3. Devotarmos nossas vidas ao exercício de levarmos outros aos ideais sublimes;
4. Fazermos a terra da herança uma Terra Santa para todo o mundo, inspirando aos mais altivos ideais, tais como soluções pacíficas em vez de guerra; pureza na vida social, pessoal, civil e política; fraternidade entre os

homens e a paternidade de Deus; um centro espiritual para influenciar a humanidade para o bem.

“Assim diz o Eterno: Israel é meu filho, meu primogênito.” (Shemoth/Êxodo IV, 22)

“Porque o conheci, e sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Eterno, para fazer caridade e justiça, e realizar o Eterno sobre Abraão o que falou com ele.” (Bere’shith/Gênesis XVIII, 19)

O que o Eterno falara em relação a Abraão foi que “serão benditas em ti todas as famílias da terra.” (Bere’shith/Gênesis XII, 3)

“Pois de Şión virá o ensinamento da Torá e de Jerusalém a palavra do Eterno!” (Yesha`yahu/Isaías II, 3; Mikhá/Miqueias IV, 2)

“Vós, porém, sereis chamados de sacerdotes do Eterno e sereis aclamados como ministros de nosso Deus.” (Yesha`yahu/Isaías LXI, 6)

“Sua semente será conhecida entre todas as nações e seus descendentes entre todos os povos; todos os que virem reconhecerão que são a semente que o Eterno abençoou.” (Yesha`yahu/Isaías LXI, 9)

CAPÍTULO XI

A MEZUZÁ, A INSCRIÇÃO NO UMBRAL DA PORTA

Mezuzá é a palavra hebraica para umbral de porta.

A palavra é usada para nos referirmos ao pequeno pergaminho no qual são escritas a primeira e a segunda seções do Shemá e que fixamos no umbral de nossas casas e de nossos quartos.

Na parte externa da caixinha que contém o pergaminho, é escrita a palavra “Shaddai”, um dos nomes de Deus. Esse nome significa “Todo-poderoso”.

A mezuzá lembra-nos, ao passarmos pela porta, de que Deus é Todo-poderoso e, portanto, que podemos confiar, de modo certo, em Sua proteção. Citando as palavras da Bíblia, “Estarás sob Sua proteção ao saíres e ao voltares, desde agora e para todo o sempre.” (Tehilim/Salmos CXXI, 8)

Amamos hastear nossas bandeiras nacionais sobre nossas portas em alguns momentos, para proclamarmos nossa lealdade a nosso país e a seus ideais e declararmos, desse modo, que estamos prontos para servirmos a nosso país a todo custo e com todo sacrifício. Mas, todos os homens devem estar prontos para servirem a Deus, seja o homem judeu ou não. Como judeus, nós, certamente, somos Seus servos; somos muito felizes por sermos seus servos e sempre devemos estar prontos a servi-Lo.

Então, afixamos a Mezuzá à nossa porta, para nos lembrarmos e lembrarmos nossos familiares que vivem conosco na casa que queremos viver de acordo com o que está escrito no pergaminho, que é:

1. “O Eterno é nosso Deus” e O louvamos, não o dinheiro, o prazer, a ambição, o comodismo. Esses não são nossos deuses e nós não os adoramos. Alguns põem Deus de lado e se tornam devotos do ato de ganhar dinheiro, da busca pelo prazer, de ambições políticas e sociais ou do comodismo.
2. Em nosso lar e nas vidas daqueles que vivem nele, a regra que guia nossa conduta deve sempre ser o amor de Deus. Devemos amá-Lo com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todas as nossas posses.

Provamos isso ao fazer o que é correto, não por amor à recompensa, mas apenas porque O amamos com um amor perfeito, fazendo tudo o que podemos para agradá-Lo. Para O agradarmos, honramos nossos pais cuja casa foi nosso lar por bastante tempo. Respeitamos os mais velhos. Somos gentis para com nossos irmãos e irmãs. Prestamos atenção a nossos professores. Ajudamos os mais pobres. Mostramos consideração a nossos empregados. Não encontramos todas essas condições em nossos lares e também quando saímos e voltamos?

Em resumo, o amor deve ser a regra em nosso lar.

Portanto, essas duas seções do Shemá` na Mezuzá ensinam-nos que esse amor deve avivar nossos corações sempre; que devemos educar nossas crianças nesse amor de Deus; que esse amor deve guiar nossos pensamentos, nossas palavras, nossos atos em casa e fora dela.

Maimônides, um de nossos maiores sábios, que viveu cerca de oito séculos atrás¹⁵ (1135-1204), expressou bem o que a Mezuzá deve nos lembrar. Ele disse o seguinte:

“Quando entrarmos em casa ou a deixarmos, lembremo-nos de Deus e de Seu amor; despertemos das vaidades do mundo e percebamos que nada é estável, a não ser o conhecimento da Rocha do universo. No mesmo momento, voltar-nos-emos para aquele conhecimento dEle e andaremos nos caminhos da integridade”. Andar nos caminhos da integridade significa obedecer aos ensinamentos da Bíblia que afetam nossa vida doméstica e fora do lar, tais como:

“Honrarás a teu pai e a tua mãe.” (Shemoth/Êxodo XX, 12; Debarim/Deuteronômio V, 16)

“Não odiarás a teu irmão em teu coração.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 17)

“Abrirás tua mão para teu irmão, para teu pobre e para teu mendigo na tua terra.” (Debarim/Deuteronômio XV, 11)

“Não defraudarás o empregado pobre e necessitado, seja ele de teus irmãos ou seja ele dos teus estrangeiros que habitam na tua terra, nas tuas cidades.” (Debarim/Deuteronômio XXIV, 14)

“Não furtareis, não enganareis e não mentireis cada um ao seu companheiro. Não trapacearás o teu próximo, e não extorquirás.” (Wayiqer’á/Levítico XIX, 11-13)

“A justiça, e somente a justiça, seguirás.” (Debarim/Deuteronômio XVI, 20)

¹⁵ Datação atualizada. (N. do T.)

“Não dê ouvidos à maledicência.” (Shemoth/Êxodo XXIII, 1)

“Não acompanhes o mau para servir de falso testemunho.” (Shemoth/Êxodo XXIII, 1)

“Não tomarás o partido da maioria para fazeres o mal.” (Shemoth/Êxodo XXIII, 2)

Sim! Temos orgulho da bandeira de nosso país e do que ela representa. Temos orgulho de a hasteamos em nossas portas. Mas, também temos orgulho da Mezuzá e do que ela significa. Portanto, tenhamos orgulho de termos a Mezuzá em nossos umbrais, em nossas portas.

CAPÍTULO XII

OS DIAS SAGRADOS E AS FESTAS – A EXPLICAÇÃO DELES

Há três dias sagrados: 1. Shabbath; 2. Rosh haShaná ou Ano Novo; 3. Yom Kippur ou Dia do Perdão. E há três festas: 1. Pessaḥ ou Páscoa; 2. Shabu`oth ou Festa das Semanas; 3. Sukkoth ou Festa dos Tabernáculos.

São dias solenes e nós, portanto, reunimo-nos nesses dias para adoração e instrução congregacional.

A adoração congregacional é encontrada no livro de oração da Congregação e encontramos a instrução no Sêfer Torá (livro da Lei) e no sermão que é proferido.

Para o garoto ou a criança comum, esses dias são para folga das atividades escolares, dias de vestir roupas especiais, dias de refeições especiais, passeios especiais, visitas, etc. Mas, para o Bar Mişwá, significam muito mais.

O garoto com idade suficiente para ser Bar Mişwá cessa de ser um inconsequente que pensa apenas em prazeres materiais. Ele começa a pensar e a se perguntar: “Por que Deus me criaria, se não houvesse uma razão?”. Começa a entender aquele versículo maravilhoso na Bíblia que mencionamos antes, que ensina que o homem foi criado para coisas mais elevadas que apenas ganhar dinheiro, para citar o ensinamento novamente: “Nem só de pão vive o homem, senão que de tudo o que sai da boca do Eterno, disso vive o homem” (Debarim/Deuteronômio VIII, 3).

O garoto Bar Mişwá pode, então, entender que os Dias Sagrados e as Festas não são dias para atividades prazerosas apenas, mas são dias para pensamentos espirituais ou pensamentos que ajudarão a promover os propósitos de Deus ao criar o homem e ao lhe dar o poder de raciocínio, de ação e de fala.

O garoto Bar Mişwá pergunta-se: “ Por que Deus me deu raciocínio, ação e fala, se não para serem usados para Seus propósitos?”

Em outras palavras, um garoto com idade suficiente para ser Bar Mişwá tem idade suficiente para entender que os Dias Sagrados e as Festas têm significados mais profundos que somente a celebração de certos eventos históricos.

Talvez, possamos explicar isso desta forma:

Para o garoto ou a criança comum, um rio é meramente um curso de água para atividades prazerosas, apenas para velejar, para tomar banho ou para nadar nele. Para o homem, um rio é um meio de transporte, de comércio, de indústria, uma fonte de energia imensa e de muitas possibilidades.

Para garoto ou para a criança extraordinária, uma flor é somente algo belo, para se adornar ou para se colocar em um cômodo, ou ainda para se cheirar. Para um homem que sabe, a flor e sua haste podem significar uma valiosa essência medicinal, uma valiosa fibra comercial, algo com propriedades químicas valiosas, que com muito estudo, trabalho duro e manuseio apropriado, podem ser utilizadas.

Para o garoto ou a criança comum, o sol, a lua, os planetas, as estrelas, as marés, as estações, o dia e a noite, a luz e a escuridão, as colheitas, os desenvolvimentos, desde a pequena grama à imensa árvore e à grandiosa floresta, tudo significa pouco ou nada.

Para o homem pensante, eles significam sinais do poder e da providência de Deus, provas de Sua provisão amorosa a Suas criaturas nesta terra. O mais sábio homem não pode entender essas coisas completamente, apenas uma parte delas.

Assim, Jó, o filósofo na Bíblia, pergunta como a terra está suspensa no nada, o que é espaço, como as águas são armazenadas nas nuvens. E acrescenta interrogando quem pode responder a tais perguntas. Os adoradores de Deus, que entendem Seu retumbante trovão. (Iyob/Jó XXVI)¹⁶

O salmista, no salmo CIV, canta: “Tornas os ventos Teus mensageiros, e o chamejante fogo Teu atendente” (verso 4); “Estabeleceste limites que não poderiam ultrapassar as águas, para que não voltassem a cobrir a terra” (verso 9); “Fazes crescer relva para o gado e plantas para o uso do homem” (verso 14); “Para marcar as estações criaste a Lua, e ao sol determinaste o tempo de seu ocaso. Estendes o manto da escuridão e faz-se a noite” (versos 19 e 20).

Todas essas coisas fazem-nos parar e pensar. Todas são lembretes de Deus.

Então, nossos Dias Sagrados e nossas Festas fazem-nos parar e pensar. São lembretes. Recordam-nos da grandiosidade de Deus, de Seu amor, de Sua providência e de Seu propósito.

¹⁶ Neste parágrafo, os trechos entre aspas da obra original, por não serem exatamente citações diretas, foram transformados em citações indiretas, para melhor entendimento do leitor. (N. do T.)

Sim! Como já dissemos, lembrem-nos de que fomos criados para propósitos maiores que simplesmente a diversão e o ganho de dinheiro na terra. Agora, vejamos o que essas seis datas realmente significam.

CAPÍTULO XIII

O SHABBATH

O Shabbath é o primeiro dos Dias Sagrados. É observado no sétimo dia de cada semana.

A instituição do Shabbath conclui a contagem bíblica da Criação.

Criação significa o desenvolvimento ou evolução dos recursos materiais terrestres do que a Bíblia chama “tohu wabohu”, “sem forma e vazia” – ou como alguns traduzem: “sem forma, mas nela existia (a origem ou início de toda e cada coisa)”. Esse desenvolvimento ou essa evolução dos recursos materiais terrestres foi necessária para adequar a terra para a existência do homem nela, e durou seis eras ou “dias”. “Em hebraico, “dia” significa, não apenas o que comumente chamamos “um dia” – período de vinte e quatro horas que englobam a manhã, o meio-dia, a tarde, o anoitecer, a noite e o amanhecer –, mas também qualquer período de tempo muito longo, exatamente como dizemos na expressão “Rome in her day”¹⁷ em língua inglesa ou ainda “ancient Babylon in her day was mightiest of nations.”¹⁸

A palavra “dia é usada no texto em hebraico de Gênesis I¹⁹ para expressar seis “dias” ou eras contadas juntamente, e, em outro capítulo da Bíblia (`Obadyá/Obadias I), é usado nada menos que doze vezes para se referir a um período de tempo desconhecido.

Se o homem se ocupar apenas com buscas materiais, torna-se materialista em suas ideias e se torna egoísta. Sua natureza espiritual ou melhor natureza torna-se arruinado, cego, destruído.

O homem está na terra para ser treinado ou preparado para uma vida futura mais sublime e melhor.

O Criador, então, ordenou que todo sétimo dia fosse sagrado e consagrado, para que a natureza humana espiritual e mais elevada fosse treinada e desenvolvida, e o homem, desse modo, fosse resgatado do materialismo, do mundanismo e do egoísmo.

¹⁷ Literalmente traduzida: “Roma em seu dia”. Mas, referindo-se a “Roma em seu tempo”. (N. do T.)

¹⁸ “A antiga Babilônia em seu dia [em seu tempo] era a nação mais poderosa” (N. do T.)

¹⁹ No texto original em inglês, consta como Gênesis XI, 1. É, provavelmente, um erro tipográfico. (N. do T.)

A observância do Shabbath como compleição da Criação foi considerada necessária pelo Criador para a salvação do homem.

Hoje, a observância do Shabbath é uma necessidade absoluta para o resgate da apatia religiosa tanto individual como da família, também da congregação, da comunidade e da nação. Fortalece nossas aspirações para o divino e o direito. Fortalece a lealdade judaica a Deus e a Seus ideais para a conduta humana e fortifica nossa afiliação à religião dada por Deus.

A experiência do Judaísmo em todos os países confirma esse fato, que negligenciar a consagração do Shabbath, invariável e infalivelmente, leva ao enfraquecimento dos laços que nos conectam ao dever religioso e leva à apatia religiosa.

Além disso, a experiência ensina-nos que a negligência sabática frequentemente leva à deserção de nossa religião por outra, mesmo podendo ser uma deserção gradual.

Os membros da primeira geração de não-observantes do Shabbath sempre chamaram a si mesmos de judeus e judias e não desertaram nossa religião. Mas, seus filhos não são tão leais, pois cresceram na ignorância de nossa religião e de suas belezas, e seus netos são ainda mais desleais por serem mais ignorantes. Eles, portanto, não se sentem tão ligados à religião quanto seus pais e avós e, frequentemente, não veem razão por que não deveriam viver uma vida sem identificação com uma sinagoga e sem qualquer consideração pelas obrigações judaicas.

O Shabbath dá-nos uma oportunidade para um contato mais íntimo com nossa religião e um conhecimento do que ela significa.

É o primeiro dos “dias de convocação sagrada”, conforme a Bíblia descreve, dias nos quais, segundo já dissemos, devemos nos reunir para adoração, para leitura da Bíblia e, se possível, para uma prédica.

A profanação do Shabbath fortalece o antissemitismo, pois nenhum cristão pode respeitar judeus que, toda semana, recusam-se a respeitar sua religião e seu Deus, que instituiu o Shabbath.

O Shabbath não foi instituído apenas em memória das eras da Criação. Eventos posteriores levaram-no a ser identificado com nosso Êxodo do Egito (Debarim/Deuteronômio V, 15). Fomos libertados do Egito apenas para que pudessemos formar uma nação de sacerdotes, uma nação consagrada a grandes

ideais de conduta e a grandes aspirações, para ensinarmos ao mundo e, na verdade, assim foi, quase que imediatamente, após sairmos do Egito (Vide Capítulo XVIII)

Então, naturalmente, perguntamos como podemos ser sacerdotes para o mundo, como podemos ensinar aos cristãos que Deus deve ser reverenciado e obedecido, se abertamente O negamos e O desafiamos ao trabalharmos no Shabbath e nos recusamos a nos lembrarmos do dia de Shabbath para o santificar. Se somos sacerdotes, devemos usar o sétimo dia como dia para educação espiritual, indo à sinagoga para adoração a Deus, lendo Sua Lei (a Torá) e escutando a prédica, que nos ensina sobre os objetivos da religião. Outra maneira de desfrutar do Shabbath seria em casa, em adoração privada, lendo a Torá e algum sermão ou literatura que nos explique os ideais judaicos.

Portanto, a cada Shabbath, todo coração judeu deve ser treinado com exercícios espirituais, deve ser ensinado sobre aspirações espirituais e ideias, deve ser inspirado pelo esforço altruístico de contra-atacar as nossas tendências materiais e egoístas, tendências semelhantes da comunidade e da época que vivemos.

CAPÍTULO XIV

A OBSERVÂNCIA DO SHABBATH

À véspera do Shabbath e no dia de Shabbath, devemos ir à casa de Deus para adoração coletiva. Se isso não é possível, ou a família deve se reunir em casa para orações familiares ou devemos nos aproximar do Todo-poderoso em oração privada em nossos quartos.

É apropriado abster-se de tarefas de natureza terrena no Shabbath. Se não podemos ouvir um sermão sobre os ideais de vida espirituais e sublimes, devemos dedicar algum tempo à leitura instrutiva ética, para melhorarmos a mente e aperfeiçoarmos a alma.

Para a frequente pergunta: “O que podemos fazer e o que não podemos fazer no Shabbath?”, todo mundo deve admitir e estar ciente de sua responsabilidade pessoal e de sua prestação de contas para com Deus, cuja ordem é nos lembrarmos do dia de Shabbath e o santificar, ou seja, separá-lo para propósitos sagrados.

Se o que queremos é não fazer desvios de sua santidade, ou tê-lo em consagração ou, em vez da profanação, a santificação do dia sagrado, devemos ter uma mente muito forte, para resistirmos à tentação. Jogos empolgantes, comércio, compras, teatro, danças, entretenimentos, recepções formais; tudo isso é inconsistente com a santidade e consagração do Shabbath. Ceder a essas tentações significa falta de força moral, falta de coragem moral e falta de lealdade a Deus.

Nenhum homem ou mulher gosta de ser um covarde moral. Então, tenhamos a coragem moral de dizermos “Não!”, quando somos tentados por quaisquer dessas coisas, ou quando tentados, de qualquer forma, a transgredirmos o Shabbath.

Em resumo, a principal razão para a observância do Shabbath é consagração pessoal, que quer dizer que devemos tentar consagrarmos nossos pensamentos, vivermos com um coração verdadeiro e determinados a fazermos nosso dever para com Deus e para com nossos semelhantes.

Isso eleva o garoto Bar Mişwá a um plano de ideias mais elevado. Ensina-lhe o valor do Shabbath e o faz sentir que ele não é mais um garoto, é um homem, capaz de pensar corretamente.

Ele, assim, resolve que será um homem com a força mental suficiente e com a coragem moral necessária para consagrar o Shabbath e para dizer “Não!”, quando tentado a profaná-lo.

À véspera do Shabbath, logo antes do pôr-do-sol, a esposa ou a mãe – ou em sua ausência, as parentes mulheres da casa – acende as velas de Shabbath. (Algumas vezes, sete velas são acesas). As velas são de cera ou feitas com azeite.²⁰

Suas luzes amenas invadem o cômodo com uma santidade contida, diferenciando a noite do Shabbath de outras noites e nos recordando da paz do Shabbath ou da paz de Deus e a bênção na casa. Que maior alegria poderíamos desejar?

A luz do Shabbath também nos simboliza a luz do consentimento de Deus, como a Bíblia poeticamente diz, que significa o sentimento de que Deus consente e aprova nossa conduta. Que maior alegria pode o ser humano imaginar ou desejar? A luz do Shabbath significa a luz do amor divino por nós e a luz da paz com Deus, paz em nossos corações e paz em nossa vida doméstica.

A mãe é quem tem a maior influência sobre as crianças, levando-as a sentirem a bênção dessas luzes, a luz do amor e a luz da paz, pois ela está conosco mais do que o pai ou qualquer outra pessoa quando somos crianças e, assim, ela pode treinar melhor nossas emoções e, sobretudo, nossa reverência a Deus. O marido está mais fora de casa e distraído com os problemas externos. A esposa pode manter melhor os ideais religiosos. Então, é ela que merece a honra de acender as velas de Shabbath.

Na véspera do Shabbath, a refeição de Shabbath é precedida de uma oração chamada de “Quiddush” ou “Consagração”. Toda a família ouve de modo reverente enquanto o cabeça da família a recita de igual modo.

Na oração do Quiddush, bendiz-se a Deus, com um pouco de vinho, que a Bíblia considera como o símbolo da alegria (Tehilim/Salmos CIV, 15) e se recita algumas linhas declarando que Deus nos escolheu para promover Seu propósito para toda a humanidade, a consagração da vida humana a ideais sublimes.

A refeição deve ser concluída com um agradecimento por ela, recitado ou cantado por um membro da família. Um belo costume é observado ao terminar o

²⁰ As velas com azeite são as corretas, conforme Mishná Shabbath, capítulo 2. (N. do E.)

Shabbath com a consagração de nossos cinco sentidos para os trabalhos e deveres da semana vindoura. Essa cerimônia é chamada “Habdalá”, ou “Divisão”. Ela marca a divisão do Shabbath, no qual é proibido trabalhar, dos outros seis dias, quando não se é só permitido, mas se é ordenado a trabalhar.

Visto que, para trabalharmos, necessitamos dos cinco sentidos, bendizemos a Deus no breve serviço de “Habdalá”, para a possessão de cada um dos nossos sentidos: visão, paladar, olfato, tato e audição. Vemos a luz da vela e os símbolos diante de nós. Provamos o vinho. Cheiramos o perfume das especiarias. Sentimos o calor da chama. Ouvimos as palavras solenes das bênçãos e bendizemos a Deus por cada uma dessas faculdades.

Podemos agradecer a Deus que temos os cinco sentidos. Não precisamos esperar para perder um deles, para reconhecer o seu valor e apreciar seu uso.

A Habdalá significa, então, usemos todos os nossos sentidos nos próximos seis dias de trabalho, não apenas para nosso trabalho, mas também para o trabalho de Deus, tais como trabalho caridoso e educacional onde e quando pudermos.

Em resumo:

O Shabbath não é só um dia para descanso, sem trabalho e sem escola. É um dia para aprendermos um pouco mais sobre Deus e nossa religião, para que, quando envelhecermos, consagremos algum tempo para fazermos o mundo em que vivemos melhor e mais alegre.

Ao fazermos isso, encontraremos nossa maior alegria.

“O sétimo dia é o Shabbath do Eterno, teu Deus” (Shemoth/Êxodo XX, 10), um dia especial para os deveres espirituais de nossa vida terrena e para treinarmos para uma vida mais ativa no mundo vindouro.

“De certo, Meus sábados guardareis, pois este é um sinal entre Mim e vós, por vossas gerações, para saber que Eu sou o Eterno, vosso Santificador.” (Shemoth/Êxodo XXXI, 13)

É também um dia quando a paz e a alegria em nossos lares e em nossas vidas levam nossos amigos judeus e nossos vizinhos, até mesmo o bairro cristão em que vivemos, a adorarem o mesmo Deus que nós, o único e uno Deus e, assim, a obterem Sua bênção de paz e alegria em suas casas e em seus corações.

Dessa forma, também “serão benditas em ti todas as famílias da terra”. (Bere’shith/Gênesis XII, 3)

CAPÍTULO XV

ROSH HASHANÁ (ANO NOVO)

Os outros dias sagrados são Rosh haShaná ou Ano Novo e Yom Kippur ou o Dia do Perdão.

Em Rosh haShaná, sopramos o Shofar (instrumento de sopro feito de chifre de carneiro).

Para o garoto Bar Mişwá, Rosh haShaná significa mais do que soar o Shofar e ele sabe bem que seu Ano Novo é bastante diferente do Ano Novo civil.

Para não-judeus, o Ano Novo é uma data de celebração e sua saudação é um alegre “Feliz ano novo!”. Para judeus, o Ano Novo é uma data solene para uma reunião solene com Deus e nossa saudação é “Que você mereça muitos anos!”²¹ ou “Que seja inscrito no livro da vida!”²²

O Shofar é soprado para nos lembrar de que o Ano Novo sob a perspectiva judaica significa “Prepara-te para te encontrares com teu Deus” (‘Amós/Amós IV, 12). Encontramo-nos com Deus em oração solene, implorando Sua graça e Seu amor. E aqueles que param para pensar, examinam suas condutas durante o ano que passou, e firmemente decidem tentar corrigir no próximo ano o que estiver errado.

“Retorna, ó Israel, ao Eterno, teu Deus, porque tua iniquidade provocou todos esses tropeços!

Busca palavras sinceras e com elas retorna ao Eterno. Diz-lhe: ‘Perdoa nossa iniquidade e aceita nossa boa intenção.’ (Hoshe’a/Oseias XIV, 2-3)

²¹ Saudação comum entre os sefaradim, judeus de origem ibérica, que, em hebraico, é escrita da seguinte forma: תזכו לשנים רבות [tizeku leshanim rabboth]. Em resposta, diz-se נעימות וטובות [ne'imot wetoboth] (N. do T.)

²² Em hebraico: גמר חתימה טובה. (N. do T.)

CAPÍTULO XVI

YOM KIPPUR, O DIA DO PERDÃO

O Dia do Perdão é o dia de arrependimento e de pesar por quaisquer faltas do ano que passou através das quais podemos sentir que perdemos a proteção e a bênção de Deus; mas, com nosso arrependimento e pesar, podemos nos juntar a uma resolução firme para tentarmos e estarmos de acordo com a vontade de Deus novamente.

Estar de acordo com Deus quer dizer que Seus desejos e nossa conduta são um e o mesmo. Isso é arrependimento verdadeiro. Em outras palavras, corrigirmos as faltas e vivermos de acordo com o que Deus deseja.

Quando nos lembramos do quanto temos que agradecer a Deus e quanto devemos ter consciência do remorso profundo por termos ofendido a Deus no ano que passou devido a qualquer falta para com Ele ou para como nosso semelhante, seja em pensamento, palavras ou ações, se há alguma nobreza no nosso caráter, certamente tentaremos reparar nossa conduta e rezaremos pelo perdão para nós mesmos e para todo Israel. Por isso, nossas confissões no Yom Kippur incluem pecados que outros tenham cometido.

A criança não consegue entender isso muito bem, mas o garoto Bar Mişwá tem idade suficiente para compreender que a expiação de nossos pecados, para Deus, passa por Lhe oferecer nosso coração contrito e uma promessa sincera de reparação, tornando-nos de acordo com Sua vontade. Essa reparação ou estar de acordo com Deus é a fonte de consolação e força para todo homem ou mulher verdadeiramente religioso desde sempre.

Nossos pecados separam-nos de Deus. A palavra hebraica para “arrependimento” realmente significa “retorno”. Nosso retorno à conduta correta une-nos a Deus.

Estaros separados, devido a nossas próprias falhas, daqueles que amamos é sempre a fonte de profunda angústia e tentamos nos reconciliar. Quão maior deve ser nosso pesar quando nossas faltas nos separam de Deus e quão maior esforço devemos fazer para tentarmos a reconciliação com Ele novamente

O valor do arrependimento é bem ilustrado na história de Caim. Caim, por ciúme e paixão, matou Abel, seu irmão. Quando questionado por Deus: “Onde está Abel, teu irmão?”, ele negou. Ele era um assassino, um mentiroso e um covarde moral. Era, então, inadequado para viver com seus pais e os filhos destes que nasceriam depois para eles. Deus sentenciou a Caim que “errante e fugitivo” seria na terra.

Caim não pôde senão reconhecer a justiça de sua sentença e se tornou um homem diferente, um penitente. Ele exclamou: “Minha culpa é muito pesada para suportá-la!”. Ele obedece a Deus, deixa seus pais e vaga na terra, que veio a ser chamada a terra do que vaga (Nod). Apenas sua esposa o acompanhou. Ele continuou a ser penitente. Depois, teve um filho e o chamou de Enoque, que significa “Dedicação”, pois ele quis dedicar a vida de seu filho ao que é reto; ele não seria um assassino, um mentiroso e um covarde moral, como ele fora. Ele, então, provou que ainda era um penitente.

Ele foi tão sincero que Deus, que sempre perdoa o penitente sincero, revogou a sentença de Caim de ser um vagabundo e errante e lhe permitiu que se estabelecesse em um lugar. Caim estabeleceu um povoado e o chamou pelo nome de seu filho - Hanoḥ, ou “Dedicação” -, implicando que ele queria que o local fosse dedicado à vida correta e a ideais justos.

Consequentemente, vemos que os habitantes, seus próprios descendentes, foram agricultores, pastores e criadores de gado; todos sendo pacíficos, amantes da música e artesãos de ferramentas de metal, conforme a Bíblia expressa; nada de assassinos, mentirosos ou covardes morais.

Esse é o poder do arrependimento, quando sincero. A pena do pecado deve ser paga, mas com arrependimento, não repetindo o pecado. Assim, o pecado será perdoado.

“Abandone o perverso seu caminho, e o iníquo, seus pensamentos; voltai para o Eterno, e Ele Se compadecerá; e para o nosso Deus, porque Ele é magnânimo em Seu perdão.” (Yesha`yahu/Isaías LV, 7)

“Mas se o malvado retornar de todos os seus pecados que cometeu, guardar todos os Meus preceitos e fizer o que é justo e correto – certamente há de viver! Não morrerá.

Nenhuma das transgressões cometidas será recordada contra ele; pela sua retidão viverá.” (Yeḥezqel/Ezequiel XVIII, 21-22)

CAPÍTULO XVII

AS TRÊS FESTAS

PESSAḤ (PÁSCOA)

Há três Festas: Pessaḥ ou Páscoa, Shabu`oth ou Festa das Semanas, Sukkoth ou Festa dos Tabernáculos.

O garoto Bar Mişwá deve ser capaz de compreender as três Festas em seu significado mais completo.

A primeira Festa, chamada Pessaḥ ou Páscoa, é guardada para nos lembrar de nossa libertação da servidão no Egito mais de três mil e duzentos anos atrás. No entanto, é também observada para nos ensinar que Liberdade é um direito da humanidade.

Liberdade é uma grande bênção para o indivíduo, mas deve ser bem usada. Não temos liberdade para fazermos o que gostamos, se, ao fazermos, agimos injustamente em relação aos outros.

Liberdade é uma grande bênção para uma nação, mas deve ser usada corretamente. Os líderes da nação não têm a liberdade de usarem de sua autoridade ou oportunidades em seu próprio benefício ou vantagem. Os Estados Unidos são muito orgulhosos de sua liberdade.

A Festa de Páscoa conta-nos que devemos nossa liberdade a Deus. Então, por gratidão a Ele, devemos devotar nossas vidas não só para nosso próprio benefício e vantagem, e certamente nunca em detrimento dos direitos dos outros, mas para o serviço dEle na terra.

Nunca devemos esquecer que fomos tirados do Egito não apenas para sermos livres, mas para recebermos a Lei, a Torá, para resgate espiritual e guia religioso de toda a humanidade, pois certamente A recebemos apenas sete semanas após deixarmos o Egito.

A festa que comemora a entrega da Lei a nós para elevação espiritual da humanidade é chamada Shabu`oth e a abordaremos.

Durante a semana da Páscoa, só podemos comer pão sem fermento (Maşá²³), para nos lembrarmos da amorosa providência divina, quando Ele declarou a nossos

²³ Em hebraico: מצה. (N. do T.)

pais que preparassem pães ázimos para seu sustento, durante suas primeiras semanas após saírem do Egito.

À mesa, deve haver símbolos que nos recordem da Páscoa.

1) Osso de cordeiro – para nos lembrarmos de que nossos pais, à véspera de sua libertação do Egito, tiveram a coragem moral de marcar seus umbrais com o sangue de um cordeiro, um dos deuses dos egípcios²⁴, desafiando, então, a ira e a indignação deles e provando sua lealdade a Deus, o único e verdadeiro.

Com o osso de cordeiro é colocado um ovo, para nos lembrarmos da Festa posterior quando os hebreus se estabeleceram em Canaã. O ovo simboliza a origem da vida. O estabelecimento dos hebreus na região foi designado por Deus para dar vida espiritual ao mundo.

2) Maşá ou pão ázimo – sobre a qual já falamos.

3) Maror ou erva amarga – para nos lembrarmos do amargor de nossa servidão e degradação no Egito e que devemos nossa libertação a Deus. Hoje, só podemos refletir sobre quão grandes nos tornamos e o quanto devemos a Deus. Assim, mostremos nossa gratidão sendo leais a Ele.

²⁴ *Khnum* era um deus da mitologia egípcia, representado como um homem com cabeça de carneiro com chifres horizontais. (N. do T.)

CAPÍTULO XVIII

AS TRÊS FESTAS

SHABU`OTH (FESTA DAS SEMANAS)

A segunda Festa, Shabu`oth ou Pentecostes, ensina-nos que uma nação só pode continuar a existir se praticar a justiça ordenada nos Dez Mandamentos.

Essa Festa comemora a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai, quando Deus declarou que éramos “um reino de sacerdotes e um povo santo” (Shemoth/Êxodo XIX, 6), isto é, que fomos destinados a sermos Seus servos ou instrumentos na terra, para guiarmos a humanidade em direção à justiça.

Ensinamos aos cristãos e aos muçulmanos ao lhes darmos nossa Bíblia, sobre a qual suas religiões foram fundadas. No entanto, devemos também lhes ensinar pelo exemplo de como vivemos nossas vidas.

Uma criança não consegue entender isso. Nem um garoto de dez ou doze anos consegue compreender isso em toda sua inteireza. Mas, um garoto de treze anos começa a pensar sobre as coisas. Ele pode entender. Ele tem idade para se sentir indignado e zangado quando, por exemplo, lê em alguns dicionários que “judiar”²⁵ é vulgarmente usado com o significado de “maltratar”. Então, que ele decida que provará, através de sua vida, àqueles entre os quais vive, sejam cristãos ou judeus, que ser judeu significa ser honrado, verdadeiro, justo e bom.

Um garoto Bar Mişwá tem bastante idade para também fazer esta decisão: que será um dos integrantes do “reino de sacerdotes”, a nação sagrada e dedicada a Deus, para ensinar judeus e cristãos, de modo igual, a viverem honrosa, verdadeira, justa e bondosamente.

Ser de um reino de sacerdotes, de uma nação dedicada, uma “testemunha” de Deus (Yesha`yahu/Isaías LV, 4) é, portanto, uma grande honra. Isso nos distingue de todos os outros povos. É uma honra e uma distinção das quais devemos nos orgulhar.

Sim! É uma honra e uma distinção ser judeu. E o garoto Bar Mişwá deve saber e sentir isso.

²⁵ No texto em inglês, o verbo usado é “to Jew”, que tem sentido de “trapacear”. No texto em português, preferiu-se, em substituição a “to Jew”, usar o verbo “judiar”, que é usado com sentido pejorativo. (N. do T.)

CAPÍTULO XIX

AS TRÊS FESTAS

SUKKOTH (FESTA DOS TABERNÁCULOS)

A terceira Festa é chamada Sukkoth ou Festa dos Tabernáculos, e também de Festa da Colheita.

Ela nos ensina a amorosa proteção de Deus e Sua amorosa provisão para as necessidades humanas. Ele fez com que nossos pais fossem protegidos em cabanas durante sua jornada no deserto. Ocorrendo em outono, quando as últimas colheitas são realizadas, não podemos deixar de reconhecermos a maravilhosa e amorosa provisão de Deus para as necessidades da humanidade.

Sukkoth, assim, ensina-nos a amorosa proteção de Deus para com o homem e a amorosa provisão divina para seus misteres.

Durante a semana da Festa, passamos o máximo de tempo possível dentro de uma cabana, para bendizer a Deus nela.

Em nossas sinagogas, um ramo de palmeira, um cítrico que se parece com um limão, um ramo de murta e um ramo de salgueiro são usados durante o serviço.

O ramo de palmeira (Lulab) representa a nossa coluna vertebral; o cítrico parecido com um limão (Étrog) representa nosso coração; o ramo de murta (Hadás) representa o olho; e o ramo de salgueiro (Arabá) representa os lábios. Isso nos ensina que nosso corpo, nosso coração, nossos olhos e nossos lábios devem ser usados para servirem a Deus.

Assim, esses dias sagrados e essas Festas devem interessar ao Bar Mişwá. Mostram a ele, através do mais profundo significado e das mais nobres ideias, que nossa religião almeja o desenvolvimento de uma mentalidade aprimorada, para nos guiar e nos inspirar a vivermos para coisas mais excelentes do que o ganho de dinheiro. Vivamos, então, para a promoção de nobres ideais e não apenas para nosso próprio prazer e alegria, mas para a alegria daqueles com os quais entramos em contato, para a glória de Deus e para o bem da humanidade.

A Festa, no entanto, não termina sem promover interesse ao nosso idealismo ou à nossa percepção de altos padrões de conduta e de pensamento.

Nossa religião não é só uma série de cerimônias e observâncias. A totalidade de nossa religião é descrita em quatro simples palavras que Deus falou a Abraão, o patriarca que Ele inspirou. Ele disse: “hithalekh lefanay weheyé tamim”²⁶ (Bere’shith/Gênesis XVII, 1), que significa “anda diante de Mim e seja perfeito”. Ou seja, faça esforço constante e apropriado para viver conforme Deus deseja e busque altos padrões de conduta e de pensamento.

O sétimo dia de Sukkoth é chamado *Hoshana Rabba*²⁷, “Grande Salvação” ou “Grande Súplica”. Recorda-nos da grande salvação, a salvação de nossas almas das tentações da vida ao colhermos o resultado de nossos esforços na vida.

Na sinagoga, pedimos perdão por nossas faltas cometidas por haveremos sucumbido às tentações.

Para salvarmos ou resgatarmos nossas almas das tentações da vida terrena e para pedirmos perdão pelas faltas cometidas por haveremos sucumbido às tentações, andamos diante de Deus e tentamos viver idealmente.

O oitavo dia é chamado de *Shemini `Aşereth*, o Oitavo Dia de Assembleia Solene.

Nesse dia, reunimo-nos em nossas sinagogas e recitamos orações pela chuva, para que as colheitas do próximo ano sejam abundantes.

Nesse dia, na maioria das sinagogas, é recitado o *Yizkor*²⁸, oração em memória dos entes queridos.

O dia seguinte é chamado de *Simḥath Torá*²⁹ ou alegria da Lei. É a última mensagem do grande dia sagrado e da temporada festiva e também um apelo para sermos leais à Lei de Deus.

Não apenas nos alegramos por pertencermos à nação à qual a Torá ou a Lei foi dada, para expressar seus ideais de conduta para o mundo, mas temos orgulho do próprio fato da entrega dela.

Não é espantoso, então, que, quando entendemos isso, fazemos nosso melhor para caminhar diante de Deus e tentarmos ter vidas ideais, isto é, esforçamo-nos constante e adequadamente para vivermos como os mandamentos de Deus nos ordenam, através do autoaprendizado e do contato com pessoas verdadeiramente

²⁶ Em hebraico: התהלך לפני והיה תמים (N. do T.)

²⁷ Em aramaico: הושענא רבא (N. do T.)

²⁸ “Que Ele se lembre”, traduzido literalmente do hebraico יזכור. (N. do T.)

²⁹ “Em hebraico: שמחת תורה. (N. do T.)

cultas, buscando sempre nobres ideais ou altos padrões de conduta e de pensamento.

Na sinagoga, dois homens são selecionados para os quais a última e a primeira seções da Lei são lidas, para terminarmos e recomeçarmos sua leitura. Assim fazemos nesse dia.

Eles são chamados poeticamente de Noivo da Lei e Noivo do Início, respectivamente *Ḥatan Torá* e *Ḥatan Bere'shith*.

Assim, os Dias Sagrados e as Festas do ano terminam.

Cada um deles direciona nossos pensamentos para Deus e para nossa religião através de sua história, através dos eventos associados a eles e das suas cerimônias e ritos. Nenhum deles é dedicado apenas ao prazer de só fazer o que se quer. Podemos ter orgulho disso, pois isso exprime Deus e a religião.

Podemos nos orgulhar de sermos judeus e judias.

CAPÍTULO XX

OUTRAS CELEBRAÇÕES

ḤANUKKÁ E PURIM

Para a criança e o jovem garoto, as outras celebrações, como Ḥanukká e Purim, são meramente ocasiões de festividade devido ao evento que celebramos, mas, para o garoto Bar Mişwá, são grandes inspirações, pois ele pode entender o que está por trás desses grandes eventos.

Ḥanukká é celebrado em memória da resistência bem-sucedida dos judeus sob o comando de Matatias³⁰, o sumo sacerdote, e seus bravos filhos, principalmente Judas Macabeu, contra Antíoco, rei da Síria, que tentou destruir nossa religião (166 A.E.C.³¹).

Naqueles dias, grandes heróis e heroínas cujos feitos fazem-nos orgulhosos de sermos judeus e judias como eles foram e mártires por amor a Deus e à nossa religião viveram, lutaram, sofreram e morreram.

As batalhas de Beth-Zur e Emaús vencidas por Judas Macabeu com suas poucas tropas contra o exército de Antíoco, liderado por seus generais mais preparados, são tão gloriosas quanto a de Saratoga³² para a história dos Estados Unidos ou a de Waterloo³³ na história inglesa.

Os sofrimentos dos patriotas judeus nas colinas da Judeia foram tão intensos quanto os dos patriotas estadunidenses no Valley Forge.³⁴

³⁰ Matithyahu ben Yoḥanan haKohen [מתתיהו בן יוחנן הכהן]. (N. do T.)

³¹ Antes da Era Comum. (N. do T.)

³² Ocorrida entre 19 de setembro e 7 de outubro de 1777, foi o confronto que decidiu o destino do exército do general britânico John Burgoyne durante a Guerra Revolucionária Americana e também é reconhecida como o momento em que o conflito começou a virar em favor dos Estados Unidos. (N. do T.)

³³ Ocorrida a 18 de Junho de 1815, perto de Waterloo, na atual Bélgica (então parte integrante do Reino Unido dos Países Baixos). Um exército do Primeiro Império Francês, sob o comando do Imperador Napoleão (72 000 homens), foi derrotado pelos exércitos da Sétima Coligação, que incluíam uma força britânica liderada pelo Duque de Wellington e uma força prussiana comandada por Gebhard Leberecht von Blücher (118 000 homens). Esse confronto marcou o fim dos Cem Dias e foi a última batalha de Napoleão; a sua derrota terminou com o seu governo como Imperador. (N. do T.)

³⁴ Campo militar cerca de 29 km a noroeste de Filadélfia, onde o Exército Continental passou o inverno de 1777-1778, durante a Guerra Revolucionária. Fome, doenças, desnutrição e a exposição ao frio mataram mais de 2500 soldados americanos até o fim de fevereiro de 1778. (N. do T.)

O martírio de Ḥanná³⁵ e de seus sete filhos, a bravura e martírio do velho Eleazar³⁶, todos esses preferiram sofrer a morte a serem falsos para com Deus e para com nossa religião, fazendo nosso sangue ferver de orgulho.

A luta dos judeus sob a liderança dos Macabeus (seguidores de Judas Macabeu, que sucedeu a seu pai como líder), foi, na verdade, uma luta entre o monoteísmo ou a crença em um Deus único e uno (a religião dos judeus) e o paganismo ou o politeísmo, a crença em muitos deuses (a religião das nações daquele tempo).

Entretanto, apesar do garoto Bar Mişwá aprender a ser um patriota pelo Judaísmo e a ser orgulhoso de sua esplêndida ancestralidade, ao crescer, perceberá que a história de Ḥanukká significa mais do que vencer batalhas, do que uma revolta bem-sucedida e de martírio. Significa a salvação e o triunfo do monoteísmo e da moralidade e a derrota do politeísmo e da imoralidade, tornando uma civilização duradoura possível para o mundo.

Não fosse o triunfo daqueles bravos soldados judeus e o exemplo daqueles mártires, o rei Antíoco teria apagado da história nossa religião. O Cristianismo e o Islã, religiões filhas do Judaísmo, nunca teriam nascido para tirar algumas nações da imoralidade e do lodo religioso do mundo clássico antigo e levá-las aos ideais proclamados no Sinai. A vida moderna seria um desenvolvimento da imoralidade pagã.

Sim, o mundo deve muito a nós, os judeus, a nosso legislador, a nossos profetas e salmistas, a nossos heróis e mártires dos eventos inspiradores de Ḥanukká.

A celebração de Ḥanukká é observada por oito dias, em memória dos oito dias que foram usados por Judas Macabeu para purificar o Templo (165 A.E.C.), após a profanação feita pelos sírios.

Durante a rededicação, um frasco de azeite foi encontrado marcado como apropriado e preparado de acordo com Êxodo XXVII, 20-22 e Levítico XXIV, 1-4. Esse frasco foi suficiente para durar oito dias e, ao fim desses, mais azeite foi feito,

³⁵ Descrita em Maqabim Beth/2 Macabeus VII e em outras fontes. Mesmo seu nome não sendo citado no texto bíblico, ela é chamada popularmente de Ḥanná. (N. do T.)

³⁶ Retratado em Maqabim Beth/2 Macabeus VI. O verso 18 afirma que ele "se sentava no primeiro lugar entre os doutores da lei". Na perseguição de Antíoco IV, ele foi forçado a comer carne de porco, que ele logo cuspiu e foi supliciado por isso. Durante o tormento, ele foi secretamente perguntado se gostaria de comer alguma das carnes permitidas, fingindo ser carne de porco, mas ele se recusou e foi então martirizado. O narrador relata que, em sua morte, ele deixou um "heroico exemplo e uma gloriosa memória". (N. do T.)

com a pureza requerida pela Lei nas passagens já mencionadas. Para celebrar, acendemos velas: uma na primeira noite, duas na segunda, três na terceira e assim até à oitava.

A celebração começa dia 25 do mês de Kislew.

Geralmente, cai na época do Natal. Deve ser uma celebração doméstica alegre, com uma reunião à noite, enquanto as velas queimam. Mas, não deve haver árvore de natal em casa, pois a árvore de natal é o símbolo de uma religião contraditória à nossa em muitos aspectos. Ter uma árvore dessas, o símbolo do Cristianismo, em um lar judaico mostra que esse lugar é desleal e falso para com nossa religião, para com nossas obrigações e para com nosso Deus.

Aquele que se orgulha de ser judeu não gostará de ser um imitador de cristãos. O verdadeiro Bar Mişwá dirá: “Ter uma árvore de natal em um lar judaico significa ser um covarde moral. Ḥanukká significa ter bravura”.

CAPÍTULO XXI

PURIM

Outra celebração é Purim. É observada em memória da salvação dos judeus, através de Ester e Mordekhay, de 'Aḥashwerosh, rei da Pérsia, e de Haman, seu primeiro-ministro, que decretou nosso extermínio.

Em sua superstição, Haman fez um sorteio, para saber o dia adequado no qual mataria os judeus. Daí, tem-se o nome Purim, que significa sorteio.

A história de Purim mostra o quanto pessoas com bravura podem, em momentos perigosos, salvar nossa religião da extinção, conforme fizeram Ester e Mordekhay. Eles cumpriram com seus deveres. Para o garoto Bar Mişwá, Purim diz: "Cumpra com seu dever!"

Celebramos Purim com a leitura do livro bíblico de Ester, que conta a história do rei 'Aḥashwerosh e da rainha Ester, do perverso Haman e do bondoso Mordekhay. Fazemos disso uma ocasião alegre. Mantendo o costume requerido no livro de Ester, presentes são trocados e também dados aos pobres.

Não devemos esquecer o profundo significado da celebração. Verdadeiramente, recorda-nos de nossa salvação de Haman. Mas, também nos lembra do fato histórico que Deus sempre nos salvou do extermínio. Se fomos perseguidos, como fomos inúmeras vezes, Ele sempre salvou alguns de nós. Quando fomos expulsos, como fomos inúmeras vezes, Ele sempre nos deu refúgio em algum lugar.

Se Deus sempre nos salvou e nos proveu, Ele deve ter alguma razão para fazê-lo.

Acreditamos que Seu motivo é como a Bíblia expressa, que devemos ensinar às nações em que vivemos que vivam para adorar ao único e indivisível Deus, seguindo Seus ideais de conduta humana.

Portanto, Purim realmente nos ensina a provarmos que somos merecedores de sermos instrumentos de Deus para a elevação moral da humanidade.

CAPÍTULO XXII

15 DE 'AB

O dia quinze do mês de 'Ab, no calendário judaico, não é marcado por nenhuma festividade, mas é uma data importante em nossa história, pois oferece uma sugestão inspiradora a nós e ao mundo.

É uma data que é lembrada por judeus religiosos em todo o mundo. Poderia ser chamada de Dia da Reconciliação, pois celebra a reconciliação das onze tribos dos hebreus com a décima segunda tribo, Benjamin, exatamente conforme os estadunidenses podem observar o dia em que foi proclamada a paz entre os estados do norte e do sul após a Guerra de Secessão.

No caso dos hebreus, significou o triunfo sobre a imoralidade. No caso dos estadunidenses, triunfo sobre a escravidão.

A tribo de Benjamin tomara o lado de uma de suas cidades, culpada de atos nojentos de imoralidade, contra as outras onze tribos da nação hebreia, todas estas unidas e demandando a sua correção. Com a recusa da tribo de Benjamin, as onze tribos declararam guerra contra a tribo de Benjamin, venceram-na e, então, acabaram a imoralidade. Foi o mesmo espírito de que o certo é certo e deve ser mantido que inspirou os estados do norte dos Estados Unidos a guerrearem contra os estados do sul, até os vencerem e abolirem a escravidão. Foi o mesmo espírito que inspirou os Cabeças Redondas³⁷ ou Puritanos a lutarem com os Cavaleiros na Inglaterra, até que abolissem os abusos da realeza.

A moralidade foi e sempre será, no pensamento judaico, uma essência vital de nacionalidade, tanto quanto a liberdade é para pensamento estadunidense ou inglês.

Nós, os judeus, temos que levar essa verdade ao mundo, mostrando que nenhuma nação pode continuar a existir a não ser que se fundamente na moralidade de seus cidadãos.

Entretanto, uma vez vencida a batalha, ambos os lados devem se reconciliar.

³⁷ Os Cabeças Redondas (Roundhead) eram a oposição parlamentar ao governo de Carlos I (1625 - 1649) na Inglaterra. Eram, em sua maioria, puritanos burgueses e camponeses revoltados com o abuso do rei, liderado por Oliver Cromwell. Recusavam-se a usar perucas brancas com cachos, por isso, cabeças redondas. (N. do T.)

O Dia da Reconciliação, que teve como cerne um assunto sério e ameaçador para a existência de nosso povo, deve ser observado como um lembrete.

CAPÍTULO XXIII

OS JEJUNS MENORES

Nas seguintes palavras, a Bíblia relata quatro jejuns menores que eram observados nos tempos bíblicos:

“Os jejuns do quarto [Tamuz], do quinto [‘Ab], do sétimo [Tishrê] e do décimo mês [Tebeth] tornar-se-ão alegria, regozijo e motivo de festa para a casa de Judá! Por isso, amai a verdade e a paz!” (Zekharyá/Zacarias VIII, 19)

Os jejuns de Tamuz, ‘Ab e Tebeth foram instituídos para nos lembrarmos da destruição de nossa nacionalidade e de nosso Templo pelos babilônios e, depois, pelos romanos. O jejum do sétimo mês, chamado de Guedalyá³⁸, foi instituído para nos recordarmos do assassinato do justo e reto governador Guedalyá. Mas, esses jejuns servem ainda mais para trazer a nós a verdade de que todas essas terríveis desventuras foram devido ao fato de que alguns dos nossos ancestrais foram pecadores ingratos em relação ao que Deus lhes fizera. Por isso, eles foram completamente incapazes de cumprirem com seu divino destino, de que “serão benditas em ti todas as famílias da terra” (Bere’shith/Gênesis XII, 3) e de serem sacerdotes de Deus para ensinar os seres humanos (Shemoth/Êxodo XIX, 6), conforme Deus desejou deles. Então, eles tinham que ser disciplinados, corrigidos e ensinados, pela experiência, que o desejo de Deus deve ser realizado.

Jejuar é um sinal de pesar. Podemos mostrar sinais de pesar quando pensamos sobre como nossos ancestrais falharam no ato de demonstrarem merecer a grande e sagrada missão que Deus lhes confiou.

O primeiro Templo, que foi erigido pelo rei Salomão, foi destruído pelos babilônios há mais de dois mil e quinhentos anos, em Tish`á be‘Ab³⁹, que significa dia nove do mês de ‘Ab, quinto mês, em 586 A.E.C.

No mesmo dia, em 70 E.C.⁴⁰, os romanos destruíram nosso segundo Templo.

Esses fatos nos levam, hoje, a fazermos nosso melhor nos pontos em que nossos ancestrais falharam, a sermos o que Deus desejou que nossos ancestrais fossem e o que nós sejamos, uma bênção para todos na terra (Bere’shith/Gênesis

³⁸ Guedalyá [גדליה]. (N. do T.)

³⁹ Nove dias do mês de ‘Ab. Em hebraico: ט' באב ou תשעה באב. (N. do T.)

⁴⁰ Era Comum. (N. do T.)

XII, 3), sacerdotes de Deus para ensinarmos a todos (Shemoth/Êxodo XIX, 6), sempre do lado da “caridade e justiça”, como foi Abraão, o fundador de nossa nação (Bere’shith/Gênesis XVIII, 19).

Há outro jejum menor chamado de “o Jejum de Ester”. É observado em memória do jejum instituído pela rainha Ester, quando tentava salvar seu povo do príncipe Haman na Pérsia, conforme vemos na história de Purim.

Os primogênitos da família também jejuam na véspera da Páscoa, em memória da morte dos primogênitos do Egito naquela noite, quando Deus finalmente, após não menos que nove avisos, cumpriu Sua palavra no Egito. Ele ordenara a Moisés que demandasse a liberdade dos israelitas, nossos ancestrais, pois os egípcios estavam os exterminando. Sua mensagem a Moisés foi “Israel é meu filho, meu primogênito, e Eu disse para ti: Envia Meu filho para que Me sirva, e tu recusaste enviá-lo. Eis que Eu matarei teu filho, teu primogênito” (Shemoth/Êxodo IV, 23). Se os egípcios estavam exterminando o primogênito de Deus, então, por justiça, Deus destruiria seu primogênito. Mas, por misericórdia, Ele infligiu nove punições mais leves, para induzir os egípcios a libertarem os hebreus e evitarem a décima, a morte de seus primogênitos.

Apesar de termos triunfado naquela noite fatal, não podemos e nem devemos esquecer a perda dos egípcios e seu luto devido à obstinação de seu rei.

CAPÍTULO XXIV

CONCLUSÃO

Expressamos o que significa ser Bar Mişwá.

O verdadeiro Bar Mişwá, isto é, o garoto que raciocina e que percebe que está entrando em sua fase adulta, entenderá o que explicamos, a nobre coisa que é ser Bar Mişwá, mas apenas se estudar seu significado completo.

Ao garoto Bar Mişwá, podemos dizer apenas o seguinte: Prove, agindo como um homem, que você sente que está a se tornar um homem. Prove isso levantando-se em defesa de Deus, da religião, da honra, sendo uma fonte de bênção e de alegria àqueles em sua volta.

Quando sair para o mundo, para ganhar a vida, defenda tudo o que é honroso, verdadeiro e honesto.

Que todos os seus amigos o reconheçam como uma pessoa que não tem medo de falar em defesa do que é justo e de agir com justiça.

Dessa forma, não só ganhará o respeito deles, mas crescerá à honra destinada a Deus, pois provará ser o que a Bíblia diz: um sacerdote de Deus. Assim é aquele que, pelo próprio exemplo, tenta levar aqueles com quem tem contato para os nobres ideais da vida humana.

Sim, Bar Mişwá significa passar a ser adulto.

Agora, prove que é Bar Mişwá, mostrando-se como homem, em lealdade para com Deus, para com sua religião, para com os profetas e salmistas, para com os heróis e mártires de sua história.

Seja leal a Deus.

Seja verdadeiro para com a religião.

Tenha orgulho de sua história, de seus profetas e salmistas, de seus heróis e mártires, que nos ensinam o que é ser judeu.

Tenha orgulho de ser judeu!

APÊNDICE

O QUE GRANDES ESCRITORES DISSERAM

O DÉBITO DO MUNDO PARA COM ISRAEL

Nós, gentios, devemos nossas vidas a Israel. Foi Israel que nos trouxe a mensagem de que Deus é um e que Deus é justo e correto e requer retidão de Seus filhos, e nada mais. Foi Israel que trouxe a mensagem de que Deus é nosso Pai. Foi Israel que, ao nos trazer a divina lei, fundou a liberdade. Foi Israel que teve as primeiras instituições livres já vistas. Foi Israel que nos trouxe a Bíblia, nossos profetas e nossos apóstolos. Quando nosso próprio preconceito contra o não-cristão se acender contra o povo judeu, lembremo-nos de que, abaixo de Deus, devemos tudo o que temos e tudo o que somos ao Judaísmo, que nos deu isso. – LYMAN ABBOTT

ISRAEL E SUA REVELAÇÃO

A alegria é a finalidade de nosso ser e seu alvo, e ninguém nunca chegou perto do que Israel sente e faz os outros sentirem, que a alegria pertence à retidão.

Enquanto o mundo existir, todo aquele que quer progredir em justiça recorrerá a Israel como inspiração, sendo o povo que tem o mais forte e valioso senso de justiça.

Isso realmente molda, em Israel, a mais extraordinária distinção. – MATHEW ARNOLD

ISRAEL, GRÉCIA E ROMA

Para uma mente filosófica, não há mais que três histórias de real interesse no passado da humanidade: a história da Grécia, a história de Israel e a história de Roma.

A Grécia teve um passado excepcional. Nossa ciência, nossas artes, nossa literatura, nossa filosofia, nosso código político e nossas leis marítimas são de origem grega. A estrutura da cultura humana criada pela Grécia é suscetível a uma ampliação impossível de se definir. A Grécia tinha apenas uma carência no círculo de sua atividade moral e intelectual, mas era um importante vazio: desprezava o humilde e não sentia a necessidade de um Deus justo. Seus filósofos, ao mesmo tempo em que sonhavam com a imortalidade da alma, eram tolerantes com as iniquidades do mundo. Suas religiões eram meramente joguetes locais elegantes.

[...] os sábios de Israel ardiem de raiva em relação a abusos do mundo. Os profetas eram fanáticos na causa da justiça social e proclamaram, em alta voz, que, se o mundo não fosse justo ou capaz de se tornar justo, seria melhor ser destruído – uma visão que, de modo totalmente equivocado, levou a feitos de heroísmo e ocasionou um grande despertar das forças da humanidade.

Uma outra grande força humanizadora teve que ser criada – uma força suficientemente poderosa para diminuir os obstáculos que o patriotismo local ofereceu à propaganda idealista da Grécia e da Judeia. Roma completou essa função extraordinária. Poderio militar não é algo prazeroso

de se contemplar e as lembranças de Roma jamais terão a poderosa atração das coisas da Grécia e de Israel, mas a história de Roma é parcela dessas histórias, que são o pivô de todas as outras e que podemos chamá-la providencial. – ERNEST RENAN

Nenhum dos nomes resplandecentes da História – Egito, Atenas, Roma – pode se comparar à grandeza eterna de Jerusalém. Israel deu à humanidade a categoria de santidade. Apenas Israel conheceu a sede de justiça social e essa santidade interior que é a fonte da Justiça. – CHARLES WAGNER

Em um tempo em que a mais sombria noite da desumanidade cobria o restante do mundo, a religião de Israel trouxe um espírito de amor e de irmandade que deve englobar até mesmo o estrangeiro, se ele desejar isso com reverência e admiração. Israel deu ao mundo um humanitarismo verdadeiro, exatamente como deu ao mundo o Deus verdadeiro. – C. H. CORNILL

O QUE É UM JUDEU?

O judeu é aquele ser sagrado que trouxe do céu um fogo eterno e que iluminou o mundo inteiro com esse fogo. Ele é a nascente religiosa, a fonte da qual todo o restante de pessoas tirou sua fé e sua religião.

O judeu é o pioneiro da liberdade.

Mesmo nos tempos antigos, quando o povo era dividido em nada mais que duas classes distintas, senhores e escravos, mesmo tanto tempo atrás, a lei de Moisés proibiu a prática de manter uma pessoa em servidão por mais de seis anos.

O judeu é um pioneiro da civilização.

A ignorância era condenada na antiga Judeia mais do que é condenada na Europa civilizada de hoje. Ademais, naqueles bárbaros dias, quando nem a morte e nem a vida valia para qualquer coisa, Rabbi `Aqiba não se absteve de se expressar abertamente contra a pena capital, uma prática que é reconhecida como uma forma de punição altamente civilizada.⁴¹

O judeu é o emblema da tolerância religiosa e civil.

“Amarás o peregrino”, ordena Moisés, “porque fostes peregrinos na terra do Egito”. O Talmude ordena aos rabinos que informem e expliquem a todos que, voluntariamente, aceitam a religião judaica todas as dificuldades envolvidas nessa aceitação e mostrem ao provável prosélito que os justos de todas as nações têm parte na imortalidade. Nem mesmo os moralistas da atualidade podem se gabar de uma tolerância religiosa tão elevada e perfeita.

O judeu é o emblema da eternidade.

Ele, que nem a morte ou a tortura de milhares de anos pôde destruir, que nem o fogo nem a espada e nem mesmo a inquisição foi capaz de apagar da face da terra⁴², que foi o primeiro a produzir os oráculos de Deus, que é o guardião da profecia há tanto tempo, que a transmitiu ao resto

⁴¹ Forma de punição permitida em alguns estados dos Estados Unidos. (N. do T.)

⁴² À época do texto, ainda não tinha ocorrido o Holocausto. (N. do T.)

do mundo, uma nação composta por ele não pode ser destruída. Ele é eterno como é a própria eternidade. – LEON TOLSTOY

O LIVRO DE TODOS OS TEMPOS

A Bíblia é o livro do mundo antigo, o livro da Idade Média e o livro dos tempos hodiernos. Onde fica Homero em comparação à Bíblia? E o Vedas ou o Corão? A Bíblia é inexaurível. – ADOLF HARNACK

Quantas eras e gerações acharam refúgio e choraram e se angustiaram ao buscar esse livro! Quantas alegrias e êxtases inenarráveis e quanto apoio a mártires em fogueiras vieram desse livro! Para quantas pessoas ele tem sido o porto e a rocha de segurança, o refúgio da tempestade e da ruína! Traduzido a todas as línguas, como reuniu esse mundo tão diverso! Dos milhares de versos, não há um sequer, nem uma só palavra, que não seja carregada de emoção humana. – WALT WHITMAN

Estou convencido de que a Bíblia fica ainda mais bela quanto mais entendida é. JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

A BÍBLIA, O RELATO ÉPICO DO MUNDO

À parte todos os questionamentos de importância histórica e religiosa, a Bíblia é o relato épico do mundo. – J. G. FRAZER

Escrita no oriente, seus personagens vivem no ocidente para sempre; escrita em uma localidade, penetrou o mundo; escrita em tempos rudimentares, é prezada como avanço da civilização; produto da antiguidade, está na casa, no trabalho e no peito de homens, mulheres e crianças nos tempos modernos. – ROBERT LOUIS STEVENSON

A Bíblia, minuciosamente conhecida, é uma literatura, a mais rica e rara sobre todos os departamentos do pensamento e da imaginação que já existiu. – J. A. FROUDE

A BÍBLIA NA EDUCAÇÃO

Através do estudo de que outro livro as crianças poderiam ser tão bem humanizadas, serem levadas a sentirem que cada figura em sua vasta jornada histórica preenche não só a si mesmos, mas um espaço no intervalo entre as eternidades e a receberem as bênçãos ou maldições de todos os tempos, de acordo com seu esforço para fazer o bem e odiar o mal? – T. H. HUXLEY

Quanto maior o processo intelectual das eras, mais perfeitamente a Bíblia poderá ser empregada, não apenas como a fundação, mas também como instrumento de educação. - JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

A BÍBLIA E A DEMOCRACIA

Esta Bíblia é para o governo do povo, pelo o povo e para o povo. – JOHN WYCLIF, no prefácio à primeira tradução da Bíblia ao inglês, 1384.

Ao longo da história do mundo ocidental, as Escrituras foram as grandes instigadoras de revolta contra as piores formas do despotismo político e clerical. A Bíblia tem sido a Carta Magna dos pobres e dos oprimidos. – T. H. HUXLEY

Entre as nações teocráticas do Oriente Antigo, os hebreus são homens sóbrios em um mundo de seres intoxicados. A antiguidade, entretanto, tinha-os como sonhadores entre pessoas despertas. – H. LOTZE

Os Salmos ressoam e continuarão a ressoar enquanto houver homens criados à imagem de Deus, em cujos corações a chama sagrada da religião reluzir e brilhar, pois eles são a própria religião posta em discurso. – C. H. CORNILL

OS SALMOS NA VIDA HUMANA

Sobre o assento de David, de acordo com a tradição rabínica, havia uma harpa. A brisa da meia-noite, ao tocar as cordas, produzia som e fazia com que o rei-poeta se levantasse de sua cama e, até o amanhecer dos céus orientais, casasse palavras com notas musicais. A poesia daquela tradição é condensada no ditado de que o livro dos Salmos contém toda a música do coração do homem, regida pela mão do seu Criador. Nele, estão compilados a explosão lírica de sua ternura, a moral de sua penitência, a pena de seu arrependimento, o triunfo de sua vitória, o desespero de sua derrota, a firmeza de sua confiança e o arrebatamento de sua esperança garantida. – R. E. PROTHERO

A POESIA VIVA DOS PROFETAS JUDEUS

Os sentimentos morais dos homens foram intensificados e fortalecidos, e também abrandados, e quase criados pelos profetas judeus. – BENJAMIN JOWETT

Uma lição, uma única lição, é que a história pode ser repetida com distinção, que a palavra é construída, de alguma forma, em fundamentos morais; no fim das contas é o bem para os bons e o

mal para os maus. Mas, isso não é ciência, não é mais do que uma antiga doutrina ensinada há muito pelos profetas hebreus. – J. A. FROUDE

O LIVRO DE JONAS

Mais simplesmente, como algo muito evidente e, portanto, mais sublimemente tocante, a verdade nunca foi falada como é expressa na Escritura hebraica, que Deus, como Criador de toda a terra, deve também ser o Deus e Pai de todo o mundo, em cujo coração de amor, bondade e paternidade, todos os homens são iguais, perante Ele não há diferença entre nação e credo, mas apenas homens, criados por Ele à Sua imagem. – C. H. CORNILL

O LIVRO DE JÓ

Chamo o Livro de Jó de uma das mais grandiosas coisas já escritas... um livro nobre, um livro para todos os seres humanos! Não há nada, penso eu, na Bíblia ou fora dela, de igual mérito literário. – THOMAS CARLYLE

Esse livro extraordinário, um livro incomparável em seu gênero, dizendo o mínimo, e que, um dia, talvez, quando permitido avaliá-lo nos próprios méritos, seja visto como o que mais se destaque, muito mais do que toda a poesia do mundo. – J. A. FROUDE

O LIVRO DE ESTER

Nele, há uma altiva independência e um genuíno patriotismo.

A história de Ester, exaltada pelo gênio de Handel e santificada pela piedade de Racine, não apenas fornece material para as mais agradáveis e mais nobres meditações, mas também é um símbolo de que, nos dias atuais, nas possibilidades imprevistas da vida e nos pequenos atos não lembrados, Deus certamente está presente. – ARTHUR PENRHYN STANLEY

A HUMANIDADE DA SABEDORIA JUDAICA

Creio que a sabedoria judaica é mais humana e universal do que todas as outras e isso se dá não apenas por sua idade imemorial, não apenas porque é a primeira a brotar, mas também devido à característica humana que a satura, por sua grande estima pelo homem. – MAXIM GORKY

OS FARISEUS

Os fariseus construíram o individualismo religioso e uma adoração espiritualmente pura; intensificaram a crença na vida futura; advogaram em prol da causa dos leigos e contra um sacerdócio exclusivo; fizeram as Escrituras conhecidas pelo povo e, nas reuniões da Sinagoga, pregaram a ele sobre as verdades e esperanças da religião a partir dos Livros Sagrados... Os fariseus, consistentemente, lutaram para fazer da vida mais e mais observante da religião. Através de hábitos cuidadosamente criados e das observâncias religiosas cerimoniais, as ideias religiosas e suas ações puderam ser gravadas na mente e no coração das pessoas. O externo era subordinado ao interno. – CANON G. H. BOX

A LÍNGUA HEBRAICA

Uma aljava cheia de flechas de aço, um cabo com fortes condutores, um trompete de cobre rompendo o ar com duas ou três notas agudas – assim é a língua hebraica. As letras de seus livros não são muitas, mas são letras fulminantes. – ERNEST RENAN

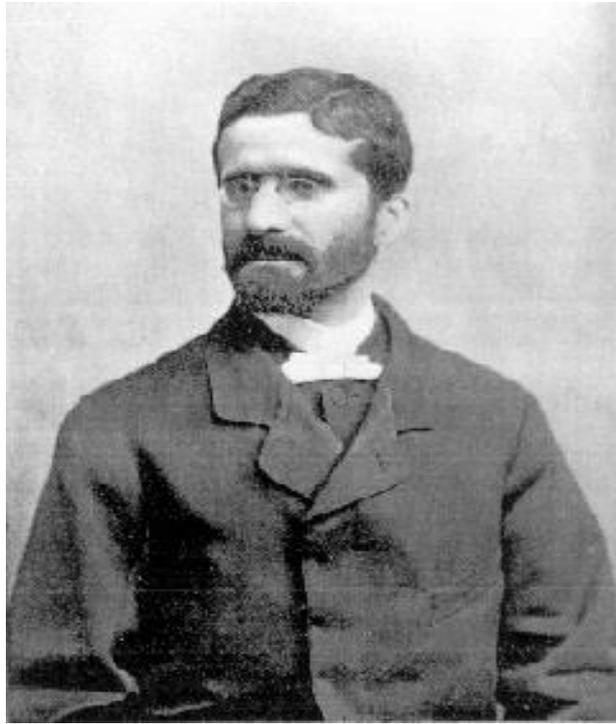
A TOCHA DO ENSINO JUDAICO

O ensino foi por dois mil anos a única característica da reconhecida distinção de Israel. “O sábio”, diz o Talmude, “tem precedência em relação ao rei”. Israel permaneceu fiel a esse preceito através de todas suas humilhações. Sempre que, em terras cristãs ou muçulmanas, uma mão hostil fechou suas escolas, os rabinos cruzaram os oceanos para reabrir suas academias em um país distante. – A. LEROY BEAULIEU

A BÍBLIA NA INGLATERRA DE ELIZABETH

Nenhuma mudança moral em uma nação foi maior do que a que se passou na Inglaterra durante os anos de reinado de Elizabeth. A Inglaterra tornou-se o povo de um livro, e esse livro foi a Bíblia. Foi lida nas igrejas e nas casas, e em todos os lugares, ao serem ouvidas suas palavras por ouvidos que não tinham se tornado surdos à sua força e à sua beleza, acenderam um brilhante entusiasmo. Como um mero monumento literário, a versão inglesa da Bíblia permanece o mais nobre exemplo da língua inglesa, enquanto que seu perpétuo uso fez dela, desde o instante de seu surgimento, o padrão dessa língua. Entretanto, muito maior do que o seu efeito na literatura foi o efeito no caráter da maioria das pessoas... O efeito da Bíblia nesse aspecto foi simplesmente maravilhoso. Todo o temperamento de uma nação foi modificado. Uma nova concepção de vida e de homem suplantou a antiga. Um novo impulso religioso e moral espalhou-se por todas as classes. – JOHN RICHARD GREEN

הנרי פריירה מנדס



Hakham Henry Pereira Mendes, a"h, nasceu em Birmingham, Inglaterra, em 1852. Era descendente de uma antiga família de rabinos. Estudou no *Northwick College* (estudos rabínicos), no *University College* em Londres e na *New York University*, logrando o título de Mestre em Divindade (1884). O título de Doutor em Divindade foi-lhe conferido pelo *Jewish Theological Seminary of America* (1904). Foi rabino da congregação sefardita de Manchester e da sinagoga Shearith Israel em Nova Iorque. Escreveu diversas obras importantes e foi um dos fundadores do jornal semanal "*The American Hebrew*" (1879). Faleceu em Nova Iorque, em 1937.